



AVE MARIA



Redacção e Administração: Caixa Postal, 615 - S Paulo

REVISTA POPULAR
ILLUSTRADA RE-
DIGIDA PELOS RR.
PP. MISSIONARIOS
FILHOS DO IMMA-
CULADO CORAÇÃO
DE MARIA

Assignatura: — Um anno 5\$000

S. Paulo, 18 de Agosto de 1912

CORAÇÃO DE MARIA



REMEMORAR o passado, quando este fôra pleno de magnificencia, quando fôra sublimado pelos primores de feitos heroicos, é immensamente almejado pelo homem, que sabe amar não niñarias, mas sim o util alliado ao agradável.

Effectivamente, a historia antiga devendo ser o guia de nossos passos, quer desviando nos do caminho incerto, trilhado pelos antepassados, quer mostrando-nos a vereda do bem, seguida pelos que já se foram desta vida, para ella é mister volver nossos olhares, não de relance, não como o relampago fulgindo nas trevas e logo fenecendo, porém cautelosamente sorvendo o alegre, concenciosamente perlustrando o nobre. Ora, lá no longinquo passado, levanta-se um signal de fulgurações variadas.

Dirijamos para lá nosso pensar e recordemos essas maravilhas. Nossos primeiros pais, collocados n'um globo de felicidade, onde tudo lhes sorria, como o bello surgir d'Aurora, n'um momento de assomo vanglorioso, esqueceram-se da bondade do Rei Supremo e, absorvendo as dulçores d'um fructo pro-

hibido, cahiram, incorreram, assim, como seus posteriores, na pena de morte eterna, comminada na Legislação Divina. Comtudo, o amor inaccessivel de Deus vetou o cumprimento d'essa lei justissima. O Supremo não quiz a condemnação de suas creaturas e, num rasgo de compaixão incomparavel, destinou seu Filho bem amado á servir de Redemptor da humanidade.

O Embaixador de nossa salvação, porém, devia assemelhar-se á nossa contextura physica e, para tal, era-lhe necessario uma mãe. O Senhor escolheu uma Virgem, medianeira da graça entre o céu e a terra, entre o Omnipotente e o ente humano. Provar, porém, o accete daquella privilegiada creatura, foi o primo escopo divino.

Assim, no dia em que o prenuncio de nossa resurreição arrebatou o mundo creado, desceu da cohorte maravilhosa o anjo portador da Voz Suprema e, ante Maria, entoou a suave saudação: «Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres»

A Virgem não vacillou em santo dever e confessou-se escrava do Senhor, intermediaria em nosso resurgimento do peccado. Eis a primeira bondade d'aquelle coração immaculado para comnosco, viajantes n'este valle de

lagrimas. Nossa Senhora, desde a infancia, dedicada exclusivamente em contemplar os mysterios de sua fé, desvelada em adornar a ara do Creador, patenteou assim o maior, o mais significativo desejo de nossa ventura no além. De resto, não limitou-se a tal seu elevado proceder. Desdes os primeiros instantes de sua maternidade, ella teve amargurados soffrimentos: a escassez de veste para o menino Jesus, a perseguição, a perda no templo, a morte n'uma cruz de seu extremado Filho, romperam seu coração amantissimo em lacerantes dôres. Não obstante, quando no Calvario, entre o representante da humanidade e Christo desfallecido, recebeu o encargo de ser nossa mãe, oh! os seus padecimentos realçaram a fortaleza, a nobreza de seu coração. Humildemente acceitou a nomeação de advogada daquelles que tinham sido os causadores de suas angustias.

Feito heroico, em que é sacrificada,
 Não simples creatura, não uma princeza,
 Porém, Celestial Rainha, elevada
 A' santa predilecção, á real nobreza,

Maria, pela grande dilecção á seus filhos,
 Deixou pungir aquelle amavel coração
 Pelas mais crúeis e acerbas dôres: e brilhos
 De suas virtudes ornaram a Redempção.

As glorias da Excelsa Virgem, quem dirá que n'ellas tem havido intermittencias? Depois da Paixão de Christo, após sua elevação ás alturas esplendorosas, ella, lá do paraiso, tem estendido constantemente o seu manto abrigador sobre o scenario da vida humana, ella tem sido o astro indicador do seguro porto de salvação. Em Lourdes... quem não está lembrado dos factos singulares, que atrahiram os representantes de todas as classes sociaes, uma legião de almas á celebre gruta de Lourdes? Pois, a nossa mãe celeste, desdobrou ali o seu encanto virginal á uma candida joven admirada, apenas, pela santidade de seu humilde viver. E, qual era o viso da Rainha do Paraiso, abordando a esse famoso lugar? Ah! era instar pela nossa gratidão! Sim, os homens olvidaram seus deveres de filhos reconhecidos, e uma ternura maternal fel-os

sentir o estado de lethargo. Eis então a humanidade a sahir da inacção para acclamar o nome de Maria.

O culto de hyperdulia paira em toda a parte, como Phebo em pleno meio-dia. Brilhante, jámais decrescendo nas phases, em que passa, elle letifica nossa alma e:

Porque é uma santa consagração devida,
 Aprimorando bem os nossos sentimentos,
 O culto de Maria, será mister na vida
 Sabel-o justo, tel-o em todos os tempos.

Porém, si um filho, onde ha gratidão,
 Não recusa um só acto de benemerencia,
 De glorificar á Virgem maior razão
 Tem noss'alma: tal é dever de reverencia.

E a mãe do genero humano, sempre affavel em seus carinhos, não descursa de nos legar as graças do Todo-Poderoso.

Oh! Qual será o misero, que elevando suspiros de sua alma afflictiva, entre preces fervorosas á Senhora Immaculada, accusará o Consolo dos amargurados de olvidar o seu pedido? O mundo desconhece tal, o mundo vê em Maria a barca salvadora de innumerados naufragos, o mundo a proclama estrella da manhã, flôr do Paraiso, centro de perfeições, ao qual vão reflectir as homenagens rendidas á Providencia Divina. Succintamente, o Coração de Maria é o compendio das formosuras do Eterno.

Virgem Maria, eis nossos corações abertos:
 Queremos em vosso exemplo perseverar;
 Guiai, pois, os nossos passos nos exercitos
 Do Senhor, para na gloria vos contemplar.

CAMILLO GOMES.

Santos, 21 de Julho de 1912.

Quando nomeio a Jesus, afigura-se-me um homem manso e humilde de coração, bom, sobrio, casto, misericordioso, cheio de pureza e de santidade; mas ao mesmo tempo um Deus omnipotente que me conforta com a sua graça e me ajuda a ser o que elle quer que eu seja.

Emquanto homem, tiro d'Elle exemplos; e emquanto Deus, tiro d'Elle um soccorro seguro.

S. BERNARDO.

O VELHO PEDRO

(Pelo P. Theodoro Dieckmann, missionario em Madras).

Acabava de entrar-me no quarto um velhinho, vergado já ao peso dos annos, e disse-me decididamente: «Aqui estou, homem de Deus, que quebrei duma vez para sempre com tudo quanto me prendia a este mundo. E' aqui que quero viver até que deres meu corpo á terra!»

Disse estas palavras com toda a energia, portando-se diante de mim e firmando os braços cruzados e o peito sobre sua bengala de bambú, enquanto os olhos expressivos e

Vichau, Polerana: fui depois em seguimento das doutrinas de Rama, tenho tambem dado esmolas aos pobres e immolado os sacrificios prescriptos pelos Brahmanes; comtudo nunca logrei achar n'isto contentamento. Nem de longe pude consentir nunca em imitar a obscenidade dos taes «deuses». Anojado de tantas doutrinas paradoxaes, tomara agora, antes de mais nada, conhecer a verdade, para fazer o que é bom e deixar o que é mau. Eis o motivo que me levou a procurar-te, pois já



Fraga.— Collegio noviciado dirigido pelos Rvms. PP. Missionarios Filhos do Coração de Maria. Estes educadores da mocidade, foram expulsos pelos carbonarios portuguezes. 1906.

confidentes se alçaram para mim por debaixo de seu grosso e alteroso turbante.

— «Pois bem, meu avozinho», repliquei eu, tomado de seus modos arrojadados e decididos, «que vens pedir-me? quem és e donde vens?»

— «Sou da casta dos Reddis e chamo-me Arelavada Laxmireddi; possuo uma rica fazenda na aldeia de Baderi; não te venho, pois, pedir bens terrenos. Disseram-me porém que ensinas o que é justo e injusto, conhecendo ao Deus verdadeiro e sendo seu confidente intimo. Fui prestar culto a Siva,

sei que tua religião não pode deixar de ser a verdadeira.»

A' minha pergunta, como chegára a essa convicção, continuou a contar o que se segue: «Ha quasi um anno que conduzi, certo dia, umas carradas de arroz ao mercado de Guntur. Ao anoitecer, tivemos, eu e meus filhos, de ficar numa pousada de Phirangipuram.

Madrugando no dia seguinte, acertamos de ouvir um cantor tão bello, como nunca d'antes o tinhamos sentido. Vimos logo concorrer muitissima gente a um ponto. Curio-

so de saber o que por lá haveria, ajuntei-me a elles e á vista do que se passava dentro da igreja, pensei comigo : é aqui mesmo que se acham as maravilhas do céo. Perguntando aos christãos o que significava tudo aquillo e qual o motivo da reunião, deram-me esta resposta : «O servo de Deus vae offerecer o sacrificio ao Deus vivo e verdadeiro, Creador do céo e da terra.» Fiquei ali, a principio como que enleado de pasmo, depois desatei forçosamente a chorar e seguindo o exemplo dos mais, também me ajoelhei e levantei as mãos ao céo. Estavas ali, homem de Deus, cercado de luzes e em logar um pouco elevado para seres visto de todos. No primeiro instante duvidei, se eras como os outros homens.

Voltando-te depois aos que lá se tinham reunido, começaste a fallar tanto Buddi (i. é verdade), que todos nós podíamos facilmente comprehender as verdades que dizias, emquanto nossos Brahmanes costumam dizer sómente cousas desarrazoadas e inintelligiveis. Estava já convencido de que a religião verdadeira devia ser esta professada pelos christãos, quando ouvi mais est'outra nova que muitos de minha casta eram christãos.

Tomei immediatamente a resolução de ficar aqui e tratar contigo, deixando ao cuidado de meus filhos os carros de arroz. Estes porém, se oppuzeram tanto ao meu plano, que achei melhor acabar antes meus negocios e tomar algumas providencias quanto a minha casa. Dei volta a ella, todos se apostaram a contrariar minhas ideias religiosas, procurando a todo o custo dissuadir-me d'ellas. E isto sempre que fallava de Phirangipuram, até que finalmente vinguei acabar de vez com desgostos e delongas. Tendo dividido minha herança entre meus filhos, reservando apenas o quinhão que contava ser necessario ao meu sustento e ao da minha mulher, parti para cá, afim de servir d'ora em diante sómente ao Deus verdadeiro, protestando-lhe d'ante mão que nada no mundo será capaz de arredar-me d'aqui.»

Depois de lhe ter feito ainda algumas perguntas, muitas razões fizeram-me acreditar que, entre milhões de pagãos, este velhinho tinha sido um dos poucos que, de boa vontade e consciencia, sempre se esforçou por observar a lei natural.

Conforme a doutrina de S. Thomas d-Aquino, aos pagãos que, apesar de nada terem ouvido do verdadeiro Deus, observam a lei natural, Deus lhes dá a graça baptismal, ainda quando fosse necessario um milagre.

Vou aqui ainda acrescentar que podia allegar mais de meia duzia de casos seme-

lhantes, acontecidos a mim mesmo na minha longa vida de missionario.

Foi sempre de interesse particular esta circumstancia caracteristica a todos os que d'esta maneira se converteram : uns tinham levado desde a meninice uma vida sobremaneira dura e trabalhosa, outros tinham-se acri-solado passando por doenças e miserias. Demais, concordam em confessar que não sentiram vontade nem inclinação de commetter peccados. Peccados chama o pagão não só grandes injustiças e fraudes, praticadas contra o proximo, principalmente contra os que nunca lhe fizeram mal algum ou que por desamparados não se podiam defender, mas também crimes horrendos contra o sexto mandamento.

Quasi me esqueci de dizer que ao nosso velho Laxmirieddi custou muito imprimir as rezas em sua memoria, já bastante emperrada. Ainda mesmo depois de ter decorado durante horas inteiras, nada lhe parecia pegar na cabeça. Graças á sua heroica energia e constante applicação, logrou ao cabo de tres mezes saber de cór a forma de benzer-se, o Padre-Nosso, a Ave-Maria e o Symbolo da fé, emquanto alcançara as verdades do Credo com admiravel facilidade.

Recebido finalmente com o nome de Pedro no gremio da Santa Igreja, era-lhe desde entrão o maior prazer ir visitar a casa de Deus e quedar-se n'ella. Posto de joelhos e erguendo as mãos de tempo em tempo para o céo, estava a adorar o Santissimo Sacramento ou a rezar um terço sobre outro.

Uma manhã, no começo do verão, veiu dizer-me que fazia tenção, si eu estivesse por isso, de visitar ainda uma vez por tres ou quatro dias sua cidade natal, para buscar dinheiro e viveres e para determinar sua mulher e seus filhos a abraçarem a unica fé em que se poderiam salvar. E' de saber que seus filhos ás vezes tinham vindo ver o velho pae e persuadil-o a voltar com elles á casa paterna, allegando que não opporiam nenhuma difficuldade a que lá vivesse conforme suas crenças. O velhinho, porém, responderalhes sempre com um *não* muito desenganado e resolutivo, assegurando-lhes que lhe era impossivel viver sem igreja nem serviço de Deus e que elles mesmos tinham de seguir seu exemplo e domiciliar-se em Phiragipuram. Como eu louvava sua boa intenção, despediu-se logo para tomar quanto antes o trem que o devia levar a sua cidade.

Afastado uns cincoenta passos da estação, o bom do velho de repente perdeu as forças que, havia pouco, parecia ter ainda tão rijas e valentes, e entregou, sem mais nem mais,

sua alma ao Creador. Accudindo eu á informação que immediatamente me prestaram do accidente, já o encontrei morto. Sua alma voara para a vida melhor da eternidade. Na mesma manhã tinha recebido a sagrada communhão.

Agora o seu sepulchro no cemiterio de

Phirangipuram, collocado ao sopé duma montanha e á sombra duma capellinha de Nossa Senhora, ficou sendo testemunho do amor e da misericordia de Deus para com os homens em que acha boa vontade.

(Do «Die Katholischen Missionen, III.

1912»).

As peregrinas hespanholas

As senhoras catholicas de Hespanha que hoje proseguem com o ardoroso entusiasmo que as distingue a cruzada nobilissima da modestia cristã em contra do figurino ridiculo da moda, desprezador do decoro, que tanto eleva e dignifica a mulher, e ostentador com descaramento das nudezes da carne corrupta que ha de converter-se um dia em criação de vermes, apraz-nos trasladar as impressões recolhidas por um periodico arabe de Jerusalem com motivo da ultima peregrinação hespanhola á Terra Santa, vinda no passado mez de maio.

O testemunho é de tanta maior valia quanto que vem do campo inimigo, donde procede o dito periodico *Alkouds* (Jerusalem), dirigido por um grego scismatico.

Copiaremos suas palavras, e por ellas comprehenderá o leitor o effeito que na Terra Santa produzem as peregrinações hespanholas, tão piedosa e ordenadamente dirigidas pelo fervoroso católico d. José Maria Urquijo: Diz assim :

«Não podemos exprimir com palavras a devoção que têm manifestado em Jerusalem os peregrinos hespanhoes e a grata recordação que nos têm deixado ao abandonar a cidade santa.

Nós contentar-nos-hemos com frisar na sua singeleza o seguinte facto, para consolação dos peregrinos e confusão dos jerosolimitanos e d'outros, a elles semelhantes.

Segundo o seu programma, deviam fazer os devotos e bons peregrinos catholicos sua communhão geral no dia 10 de maio na igreja parochial de São Salvador, na sexta-feira e na hora em que celebra sua costumada função ao Sagrado Coração de Jesus a Confraria da Guarda de Honra, estabelecida em Jerusalem no dia 26 de junho de 1908.

Passado aviso ao parochio, cedeu este o logar aos peregrinos, com a condição de que elles celebrassem a mencionada função, como com effeito assim se fez ; n'esta missa costumavam os meninos e meninas da escola paro-

chial fazer sua communhão diaria, e é por isso que assistiu a ella o sr. Bispo, sendo celebrante o segundo cura padre Joaquim Dabul de Nazareth, O. M.

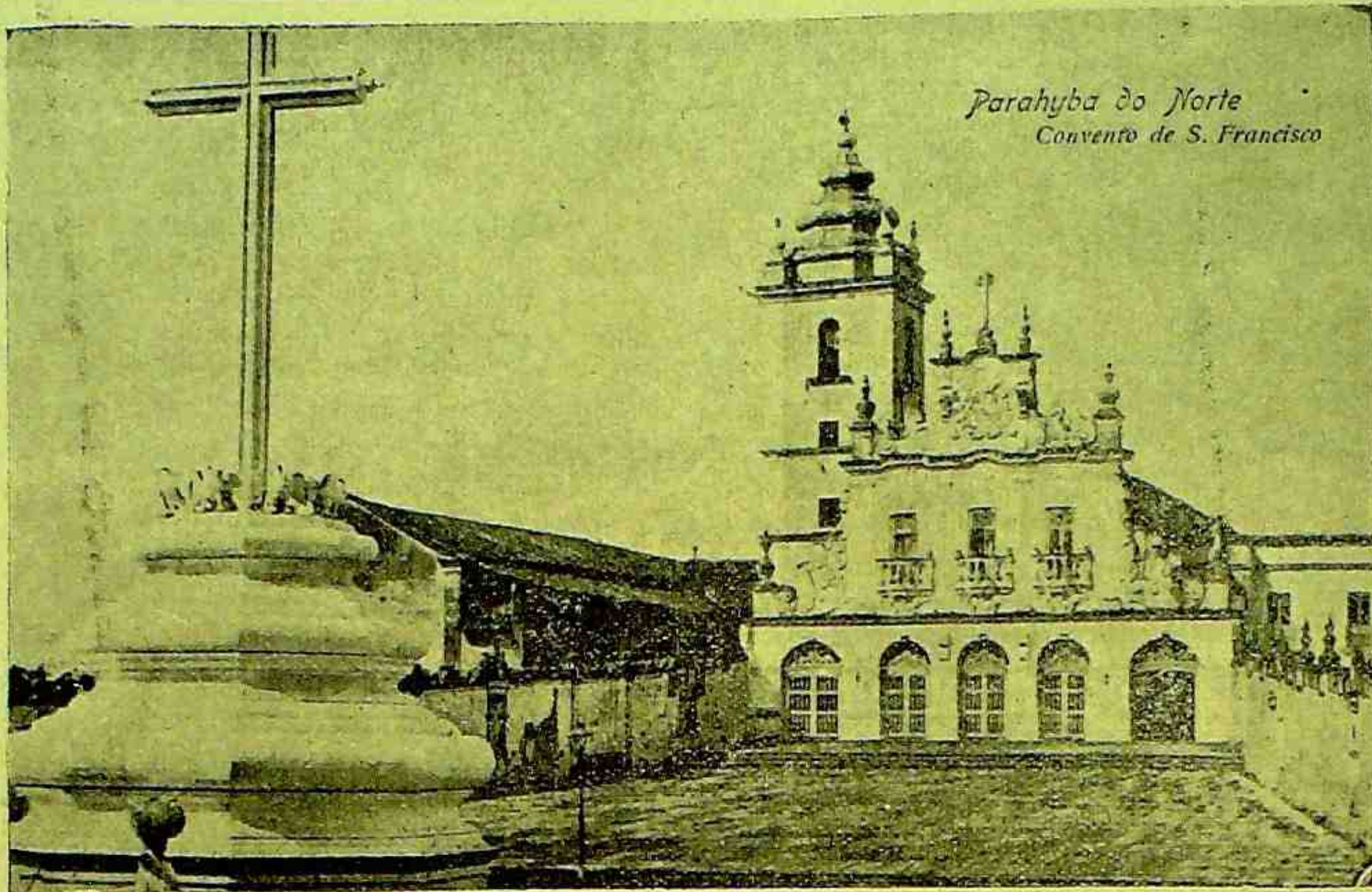
Observou este padre com grata surpresa, que as peregrinas hespanholas, desde a dama aristocrata até a joven donzella, estavam todas modestas na igreja e approximavam-se da meza santa para receber o Senhor, com a classica mantilha e não com chapéus. Perguntou o padre admirado do costume hespanhol, e responderam-lhe que na Hespanha é uso quasi geral ir á igreja só com o véu sobre a cabeça e não com os chapéus da moda.

Não lhe podia ser mais a proposito o facto para seus desejos e projectos.

Desde muito tempo atrás o pobre missionario cansou-se inutilmente por desterrar o uso dos chapéus nas igrejas e introduzir o véu e o modesto vestido das jovens. Baldados tinham sido todos os seus esforços inculcando semelhante pratica tanto nos sermões como nos exercicios espirituaes, na escola, em particular, em casa e em toda a parte. A circumstancia não podia ser mais opportuna, nem mais de seu agrado a modestia observada pelas peregrinas hespanholas ; de forma que sem se poder conter, lá mesmo, na igreja, apenas terminou a missa, foi para onde estava a professora das meninas para fazer-lhe observar a modestia com que estavam no templo as peregrinas hespanholas.

Não fallou tão baixo o zeloso missionario que não ouvissem a advertencia as meninas maiorzinhas, e assim poude fazer com efficacia sua instrucção catechistica que realiza, além do domingo, todas as sextas-feiras do anno.

Tomou por thema de sua instrucção o exemplo que acabavam de receber das devotas peregrinas hespanholas, e com ardentes palavras lhes insinuou a necessidade de seguir sua modestia. «Entre ellas encontram-se algumas jovens de vossa mesma idade, disse-lhes, e vêde-as como desprezando o mundo,



Parahyba do Norte.— Convento de São Francisco.

os respeitos humanos e ao que dirão, apresentam-se modestas, põem de lado os chapéus e vêm á igreja vestidas com modestia, cobertas com o veio a cabeça». As boas meninas de Jerusalem, que entre pequenas e maiores eram umas 200, foram uma após outra seguindo o conselho do parochio, o qual, em breve prazo de tempo espera conseguir o mesmo das outras jovens da cidade. Não parou aqui o zelo do bom padre coadjutor parochial : aguardava outra occasião para falar a todo o povo acerca do vivo e excitador exemplo da devota peregrinação hespanhola e lon o a encontrou nos exercicios do mez de Maria que celebra se todos os annos com grande solemnidade na parochia de São Salvador, onde os peregrinos hespanhoes têm tambem muitos dos seus cultos. Aproveitou-se da circumstancia, e no dia 12 de maio dirigiu-lhes uma pratica sobre a perfeição do christão. *Estote perfecti sicut et Pater vester caelestis perfectus est*, tomou por texto : e descendo a provar seu thema, disse que a Virgem foi a primeira em aprender na escola de Christo a perfeição, a verdadeira perfeição que o Senhor exige de nós.

E que foi que a Virgem aprendeu na escola da perfeição de Christo? Apprendeu certamente a enriquecer-se das formosas virtudes internas, a humildade, a mansidão, a piedade, o amor de Deus e do proximo, e as virtudes externas, a misericordia, o desprezo do mundo, de suas pompas e vaidades, etc.

Provando o primeiro ponto, passou ao

segundo, das virtudes externas da Virgem, o qual tratou com propriedade e eloquencia, citando como motivo especial para condemnar o luxo no vestir, a autoridade de alguns periodicos que n'aquelles mesmos dias se tinham occupado d'este assumpto. O *Muntakab* (Escolhido) em seu numero 81 diz : «a maior exhibição da novissima moda é a igreja. Essas igrejas têm-se convertido em logares de escandalo e de abominação nas quaes em vez de attrair sobre nós as benções da Virgem Maria e de seu Divino Filho, o que nos attraem é suas iras...»

E o *Ihãres* (Custodio) diz á sua vez : «Embora seja estreito o caminho do ceo, não o é tanto como algumas saias d'estes tempos» ; porque como acrescentava o orador, nos fazem precipitar com mais facilidade no inferno, cujo caminho nós alargamos com taes modas...

Para fazer mais viva e mais poetica a applicação moral do discurso, desceu o prégador ao facto palpavel e ao exemplo dado pelas devotas senhoras da peregrinação hespanhola do dia de sua communhão geral.

Observae, disse o padre, como se approximam do banquete Eucharistico para receber ao Senhor, as boas e devotas peregrinas hespanholas ; vêde, como estão na igreja com respeito e acatamento diante de Deus, sem os chapéus da moda, e com a cabeça coberta com um véo. E é assim, como ellas vestem em todas as igrejas de Hespanha. Notae, tambem, como seu vestido é mais modesto e, ao parecer mais economico que o de vossas

filhas, apesar de serem ellas immensamente mais ricas do que nós. Que poderemos nós dizer agora a taes peregrinos, quando elles vejam vosso modo de vestir e de conduzir-vos no templo? Nós, carissimos filhos, pretenderemos imitar aos europeus nas coisas nocivas e não os imitaremos nas uteis e proveitosas?...

Exhortando os fieis a imitar á Virgem, e a seguir o exemplo dos hespanhoes, terminou o padre seu discurso, com o proposito

de não descansar na obra começada, de extinguir as modas; o que principiou felizmente a dar seus fructos, já que nos dias successivos apenas viu-se na igreja alguma menina de chapéu.»

Até aqui o mencionado jornal. E' de esperar que, além deste, produza ainda outros muitos fructos de santidade, a devota e edificante peregrinação hespanhola á Terra Santa.

FR. ANTONIO ARACIL



BRINCOS DE CRIANÇA

Era em Lourdes, no ultimo mez de Setembro. De serviço para carregar os doentes do hospital das Sete Dôres, eu regressava da grade procissão do Santissimo Sacramento. Quando tinha acabado de tirar do seu carrinho uma pobre menina de quatorze annos, paralyzada nos membros inferiores e no braço direito, deitei-a com todo o carinho e a maxima cautela no seu leito. Já me afastava para prestar os mesmos obsequios a outros enfermos, mas eis que a pequena me chama...

Voltei, perguntando o que ella desejava.

Com a mão que podia mover, a menina apontou para a cadeira junto della e indicou-me que sentasse.

— Agora não, disse eu; ha muitos doentes que estão precisando de mim.

Outra vez ella fez o mesmo gesto imperativo.

— Sentae aqui, eu quero!

A pobrezinha tinha um geito muito especial de pronunciar este *quero*. Havia um não sei que de irresistivel nessa ordem.

Era um mando e uma supplica, e no hospital, como em toda a parte, não havia quem deixasse de obedecer immediatamente.

— Eu quero, repetiu a mocinha, consciante da sua força.

Eu me conformei, dizendo apenas:

— Então fala depressa, que não tenho tempo.

— Sim; mas digo tudo baixo, porque não quero que a gente perceba.

A gente, eram as freiras e os doentes das camas vizinhas.

— Vós todos, empregados daqui, sois pessoas muito caridosas, que trabalhaes unicamente por amor de Deus e do proximo.

Portanto, não podeis negar-me o favor

que vos quero pedir. Fiz uma promessa a Nossa Senhora, se ella me concedesse um grande favor. A bôa Mãe me attendeu, e agora devo cumprir a promessa.

— Então você está melhor?

— Não estou... nada pedi para mim.

— Pois qual é o favor que você alcançou?

— Ora, isso é da minha conta! disse ella, com um sorriso amavel e brejeiro.

Devéras eu fôra indiscreto e merecia a resposta.

— Pois bem! que é que você deseja de mim?

— Prometti a Nossa Senhora de Lourdes que mandaria queimar uma vela na Gruta.

— E' facil. Você quer que eu vá comprar a vela?

— Sim... mas... não sabeis... alli, nos Alpes, papae e mamãe são muito pobres, não puderam pagar minha passagem.

— Quer que eu mesmo lhe dê uma vela, não é?

— Isto, não. Para mim, não teria valor nem merito.

— Então?

A menina pareceu hesitar; depois, pegando da minha mão e puxando-me para si, ella me segredou:

— E' para que vendaes os brincos de minhas orelhas..

Fiquei admirado com o sacrificio da pequena: Instintivamente, meus olhos dirigiram-se para as joias alludidas: duas florzinhas, com uma perola de vidro no meio, a modo de topazio.

Qual seria o valor della? Nem dous mil réis, é cousa certa. Mas para Nossa Senhora, que via as intenções dessa criança generosa,

offerecendo tudo quanto possuía, os brincos deviam ser mais preciosos que os milhões de Rotschild.

A doentinha primeiro recomeçou a falar:

— Meu senhor, não me negareis esses serviços?

Que podia responder eu?... Não aceitar?... Meu silencio já affligia o coração da mocinha e trazia lagrimas aos olhos della. Por outro lado, vender aquelles brincos não era facil. A quem é que eu havia de offerecer taes bugigangas?

Tomei um desvio.

— Se eu fizer isso, que dirá sua mãe?

— Nada. Mamãe quer tudo o que quero, comtanto que eu esteja alegre.

Não tinha mais objecções. Concordei, e a criança, arrancando o brinco da orelha esquerda, o deixou na minha mão, dizendo:

— Outro, não posso. Preciso que me ajudeis. Este braço ruim não quer trabalhar.

Tive que me prestar a tudo. Tirei o outro brinco, e quanto ella falava.

— Vendei isto bem caro, e amanhã compraremos a vela para a levar á Gruta.

Prometti, sem saber o meio que empregaria. Afinal, resolvi guardar os objectos para mim e dar dinheiro á pequena, em troco. E então fui receber ordens para o serviço do dia seguinte.

Atravessando o pateo, acho-me na presença da condessa M., que tomava grande interesse nos enfermos e vinha a miudo procurar noticias delles.

— Então, como têm passado hoje os nossos queridos doentes? Não precisam de nada? E nossa senhorita *quero, quero*, não se mostrou cabeçuda de mais hoje?

— Não, senhora. A coitada soffre tanto. A gente tem dó della. Mas deu-me um recado bem exquisito.

— Qual será, se não houver indiscrição?

— Não é segredo. E com a senhora eu sempre podia contar...

Em poucas palavras, expuz o facto e mostrei as cousas.

— Isso é engraçado. E que tenciona fazer com isto?

— Guardal-os e dar o preço á criança.

— Então, peço-lhe um favor. Tenho uma filha doente e estou certo que estes brincos lhe trariam as bençãos de Nossa Senhora.

Com todo o gosto, entreguei as joias á condessa, que os pagou generosamente.

Assim que cheguei ao hospital, de manhã, fui ter com minha menina.

— Estão vendidos? perguntou ella, de longe.

— Pois não! Vinte mil réis, veja.

— Cousa bôa! Agora sim, vou cumprir a promessa. Levae-me no carrinho, quero partir já.

Quasi todos os doentes estavam enfileirados no pateo, alguns sobre padiolas, outros de carro.

Déram o signal da partida e colloquei-me na frente, com minha doentinha, muito alegre, apertando a moedazinha de ouro na sua mão valida.

De caminho, ella comprou a vela tão almejada e, dando resposta a um padre que rezava o terço, alcançámos a Gruta.

Emquanto ordenava os doentes no recinto reservado, o chefe do serviço, avistando a vela da menina, disse:

— E' para a Gruta, não é? Dê cá.

— Isto não. Eu mesma *quero* offerecel-a.

O homem sorriu, olhando para mim, e dizendo:

— O senhor faça a vontade da criança, se quizer.

Carreguei a pequena nos meus braços e e fui á Gruta.

Ella teve o gosto de accender a vela, com sua propria mão, e de deposital-a no altar.

Ao sairmos, ella deitou na caixinha de esmolas para a capella tudo quando sobrara da venda dos brincos e, como ella dirigisse seu olhar de anjo para a branca Madona do rochedo, ouvi que ella murmurava:

— Muito agradecida, bôa Mãe, ouvistes minha oração, curastes minha companheira. Agora, fazei commigo o que vos aprouver.

Sem o querer, fiquei conhecendo o grande segredo da menina. Esquecida dos proprios padecimentos, só pensára na sua vizinha do hospital, e a Virgem de Lourdes se dignára attender ao pedido desinteressado de sua humilde serva. De facto, na vespera, a moça que occupava o logar junto de minha doentinha, se havia levantado, subitamente curada, á passagem do Santissimo Sacramento.

Um advogado, pequeno de corpo, mas grande em conhecimentos, foi um dia, como teste-nunha, depôr perante um juiz corpulento. Como é da praxe, o juiz perguntou-lhe a profissão.

— Advogado.

— O senhor é homem de leis? disse o juiz como admirado. E continuou:— Eu podia mettel-o no meu bolso.

— Talvez, disse o advogado, e olhe que, si o fizesse, teria mais jurisprudencia no bolso do que nunca teve na cabeça.

— Festejei hontem as minhas bodas de ouro, meu caro.

— Mas como? e eu que te julgava casado de novo?

— Sim, mas esposei uma rica herdeira.

O segredo do Franco-Maçon

Um veneravel Religioso Passionista refere o seguinte facto :

Em Brooklyn (Estados Unidos) fui chamado para assistir a um moribundo. Era o paciente um allemão com quem varias vezes tive occasião de encontrar-me. Sua filha unica, excellente catholica ; preveniu-me de que seu pae era franco-maçon.

«Depois de ouvil o em confissão, perguntei-lhe se havia pertencido a alguma sociedade secreta.

«Sim, Padre, sou franco-maçon, porém o sr. sabe que na America isto não não faz mal.

«Está enganado, respondi. A Franco-Maçonaria está condemnada em toda a parte. E' preciso que faça a retractação de tudo quanto prometteu e que me entregue as insignias que tiver.

«O enfermo oppoz algumas difficuldades, porém havia conservado a fé e firmou, por fim, a retractação que eu redigi : tive apesar d'isto que fazer novos pedidos para que me entregasse o mandil, o esquadro, a banda e ritual que tinha guardados em um armario proximo do seu leito.

Expliquei-lhe a necessidade que tinha de despojar-se daquelles objectos, se queria provar que seu arrependimento era sincero e efficaz sua volta á Igreja. Sahi, levando aquelles despojos e muito contente por ter arrancado uma alma ao demonio.

A filha me esperava no vestibulo.

«Meu padre, perguntou-me, entregou tudo ? Reconciliou-se com Deus ?

«Eis aqui a prova, respondi, indicando-lhe os objectos.

Tomou-os, examinou-os um por um, e com ar triste me disse :

«Não está tudo ; não custou muito trabalho a entrega das suas insignias, talvez custasse mais a entrega do livro que era mais do seu agrado ; porém ainda tem outra cousa.

«E que é ?

«Um escripto cujo conteúdo ignoro ; meu pae ordenou-me que logo que morresse, o entregasse ao chefe da sua loja. Está sellado e deve conter um segredo importante.

«Voltei a ver o enfermo e disse-lhe :

«Meu amigo, por que me enganaes ? Ides comparecer ante Deus : crêdes por ventura que escapareis á sua justiça ? Não tendes outra cousa mais á entregar-me ?

O enfermo ficou consternado. Notei-o na pallidez do seu rosto e na turbação de seus olhares ; por fim disse com certo embaraço :

«Já levastes tudo : nada mais tenho a entregar-vos.

«Ainda tendes alguma cousa ; um escripto...

«Estaes equivocado, meu Padre, nada tenho.» Redobrei minhas supplicas, mas foram inuteis ; o demonio triumphava.

Empreguei quantos meios me pareceram efficazes em tal occasião. Nada obtive : o enfermo negava ou não respondia. Então a filha abre a porta, ajoelha-se aos pés da cama, e exclama :

«Meu pae, por favor, salvae vossa alma ! Não me faças desgraçada : já que dizeis que me amaes, provae-mo agora.»

O enfermo não esperava esta sahida. Os beijos e as lagrimas de sua filha commoveram-no ; ella prodigalisa-lhe meigas caricias, palavras ternissimas ; falla-lhe do Ceu que vae perder.»

Então o enfermo disse :

«Tu sabes que nada occulto.

«Não é certo, meu pae, responde a filha com tom inspirado e firme ; sempre tendes sido franco, não faças que eu me envergonhe de vós.

Entregae ao sacerdote o papel que me encarregaste de levar ao veneravel da loja.

A estas palavras deu o enfermo um rugido, porém depois fazendo um esforço — exclamou, suspirando :

«Não, minha filha ; não te envergonharás de teu pae. Toma esta chave que pende do meu pescoço ; abre o movel e entrega ao padre o papel que contém.

Depois cahiu desfallecido.

«A filha, rapida como uma centelha, pouco depois já havia cumprido a ordem e me entregava o documento sellado, exclamando :

«Victoria ; meu pae está salvo : vomitou o veneno.

Esta scena me commoveu profundamente. O valor desta joven me recordou o das christãs dos primeiros tempos.

O enfermo viveu ainda algumas horas, e foram as suas ultimas palavras um acto de fé e de esperanza.

«Abri em presença de sua filha o papel lacrado. Era um juramento firmado com sangue. Havia ouvido falar de taes escriptos,

usuaes entre os chefes da Franca-Maçonaria, porém quando observei aquelle papel, apenas podia dar credito aos meus olhos.

Era um juramento de guerra, sem fim nem tregoa, contra á Igreja, o Pontificado e os Reis, e continha terriveis maldições para o caso em que o signatario violasse sua palavra. Entreguei, o papel ao Senhor Arcebispo, para que pudesse, como eu, apreciar a infernal malicia da Franco-Maçonaria.»

Até aqui a narração do Padre Passionista. Este facto, entre mil, prova que a Franco-Maçonaria é em todos os paizes a inimiga mortal do Christianismo, da Igreja Catholica e de todas as suas instituições, do pontificado espiritual e do temporal, isto é de todas as autoridades legitimadas, assim civis como religiosas.

Da *Revista Popular* n. 2161.

Seus passaros

Muito popular em Roma o padre José Caldero. Era um homem excellente, e no entanto falavam muito mal d'elle.

— Meu caro amigo, dizia um joven ecclesiastico, você não acredita, fui levar-lhe uma carta da parte do Superior. Ora, elle veio, abriu, e deixou-me signal para que eu esperasse e ficasse calado, e então terminou a leitura do breviario que segurava na mão.

Depois dirigiu-se para o grande viveiro que está no fundo do quarto. Elle deixa as portas escancaradas, e eis a passarada a esvoaçar em todas as direcções. Então dá uma pancadinha e logo os bichinhos acodem todos, formando em duas fileiras perfeitas: de repente, um sae, vem pousar na frente, e dois outros tomam logar de cada lado d'elle, fazendo de coroinhas, e começam a inclinar a cabecinha uns para os outros a modo de cumprimento...

— Isto é demais. Está caçoando.

— Não, senhor. Acabada a saudação, uma fila entra a cantar uns «cui, cui, cui» em soprano, e a outra fila responde em contralto, e isto dura uns cinco minutos. O padre José manda alternativamente as duas linhas de pardaes; depois, as saudações se repetem e num vôo subito, todos se precipitam para o padre que distribue afagos e gulodices sem conta e então ordena á tropa que se acolha de novo no viveiro.

— Não são engraçados estes meus amiguinhos? pergunta-me elle.

— São mesmo, respondo eu, mas quanto tempo e quanta paciencia para ensinal-os assim!

— E' verdade. Isto me diverte muito.

Quando forem bem ensinados, hei de carregar o viveiro no jardim do Vaticano e darei uma representação diante do Santo Padre,

— E pensa que o Santo Padre...

— Ha de gostar dessa pandega innocente! Ora, sim! Sem duvida... São Francisco de Assis tem feito outras peores...

Dei a carta e retirei-me. Que escandalo! Um sacerdote levando a vida a praticar taes ninharias... São Francisco de Assis! São Francisco de Assis! Que tem isso com o facto!

Elle convidava as andorinhas, suas irmãs a cantar os louvores de Deus...

— E nem por isso deixava de confessar, prégar e exercer as demais funcções do ministerio...

O que os dois seminaristas conversavam podia se ouvir na cidade inteira.

Os mais caridosos até manifestavam uma certa indignação:

— Um sacerdote, operario da vinha do Senhor, gastar assim um tempo precioso! Quantas contas terriveis ha de prestar á justiça divina! Que responsabilidade tremenda pelas graças do sacramento que recebe...

Ora, um dia Monsenhor de S... passeava pelo campo, meditando o rosario, quando percebeu gemido abafado. Indagou e no fundo de um barranco, descobriu o corpo ensanguentado do padre Caldero.

Só no dia seguinte o ferido recuperou os sentidos.

— Que lhe aconteceu? perguntou o prelado que não o abandonára um instante.

— Nada. Um accidente, enquanto eu cumpria um pequeno ministerio. Não quebrei nada. Daqui a pouco estou bom. Obrigado, muito obrigado.

— Ministerio? Qual ministerio? O senhor não tem parochia nem nada.

— Com o senhor, posso falar. Estou certo que não ha de contar a ninguem.

Ha muito, muito tempo, eu percorria as sendas da montanha, reflectindo sobre a bondade de Deus que nos associa á sua obra de salvação, que pede façamos o bem... o «Bem», esse acto essencialmente divino! Nós, filhos do peccado, não o fazemos nunca com toda a pureza...

E o ferido se calou. Interessado, Monsenhor o interrogou:

— Então o senhor procurava o melhor



Pedro M. Leite, prefeito de Guratinguetá.

meio de corresponder aos desejos da Providencia?

— E' isso. Supplicava-a para que me indicasse o caminho a seguir.

— E então?

— Eu andava longe, perdido. Dois homens pulam em cima de mim. Num instante estou amarrado, de olhos vendados, e carregado de corrida.

Põem-me no chão, soltam-me a vista e a bocca e depois alguém fala.

— Aqui está nossa avó que não quer morrer sem confissão. Você jura de dar a ella todos os perdões que ella precisa para entrar correctamente ahí no céu?

— Hei de prestar-lhe todes os soccorros do meu ministerio.

— Prometta de não revelar nossa existencia e nunca mais procurar aparecer aqui.

— Prometto segredo absoluto, mas voltarei.

— Com a policia, desgraçado!

— Não; voltarei sózinho.

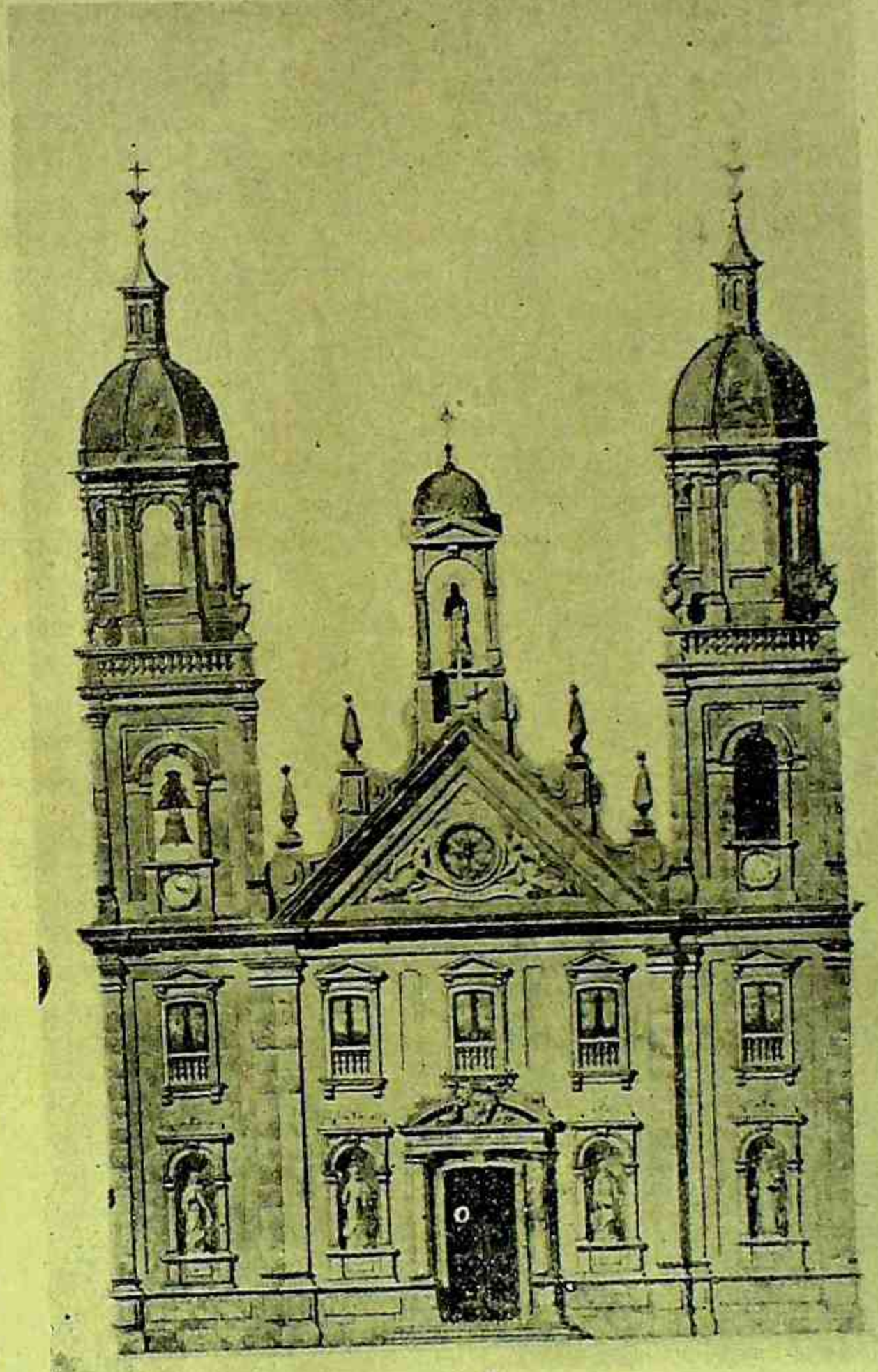
— Pois bem, confesse a velha, depois ha de morrer.

Não só ouvi a confissão da avó da tribu —um desses bandos de salteadores numerosos na Italia—mas ajudei-a a bem morrer.

Depois do enterro, o chefe me disse:

— Agora jure de não se importar mais comnosco.

— Segredo absoluto, isto juro. Vim aqui para cumprir a meu ministerio e não tenho que dar satisfação a ninguém. Mas farei o possível ainda com perigo de vida, para voltar,



Guaratinguetá.— Egreja matriz.

pois se eu pude salvar a alma da mãe, também é meu dever tratar de salvar a vossa...

Houve silencio, deliberação. Os pormenores, eu lhe contarei mais tarde, estou muito cansado.

Tiveram confiança em mim: desde dez annos, vou todos os dias catechizar meus queridos bandidos. Tomo caminhos diferentes para não despertar suspeitas. Todos os meninos são baptisados; os paes e os adultos commungam; largaram essa vida de roubos e crimes e mostram uma delicadeza de consciencia que ás vezes me faz corar; por isso não me amedrontaram as difficuldades do caminho. Agora já são santos. O senhor não imagina a reparação generosa que elles fazem... Ha pouco...

— Mas, e sua passarinhada? interrompeu Monsenhor de S., commovido e encantado.

— Ah, sim! Não é de hoje o primeiro

tombo que levo; os caminhos, é um horror! Quantas vezes caí! Uma vez, rasguei os musculos da perna. Tive de ficar seis semanas de cama sem poder revelar a causa de meus incommodos: foi naquella occasião que dei de attraair os pardaes dos arredores—haverá uns sete annos e comecei a ensinar-lhes a cantar matinas. Para mim, era uma distração, e... tambem servia para desencaminhar a desconfiança da gente que me julgava inteiramente absorvido nessa mania innocente.

O bispo e o sacerdote conversaram demoradamente acerca daquelles «bandidos queridos», freguezia escolhida onde se manifestava o zelo do bom pastor.

Devo encurtar a historia para o proveito. Monsenhor de S. que a narrava com uma

graça incomparavel concluia sempre:

— Como somos apressados em julgar e em julgar mal!... Aquelle padre, ocioso aos olhos do vulgo, era um apostolo heroico, um santo abrazado pelo amor de Deus. Esse louco pelos passaros tinha a loucura snblime da salvação das almas. Ignoramos as difficuldades, os segredos, as mysteriosas obrigações do sacerdote. Demos ao ministro de Deus, sejam quaes forem as apparencias, o tributo da nossa honra, do nosso respeito, da nossa veneração...

O manso e piedoso prelado tinha razão. Quando vier a tentação de julgarmos e condemnarmos, lembremo-nos do humilde sacerdote don José Caldero que continúa em Roma no seu admiravel ministerio.



ATE' O SECULO XX!

Fosse geral, como quer a má imprensa, a pretensa immoralidade do clero, — e nada provaria contra a Igreja.

* * *

Tal é a segunda proposição que nos é preciso demonstrar. Todo homem, por pouco instruido que seja, sabe que ha varios generos de provas para estabelecer a divindade da Igreja catholica. Ao lado das provas rigorosamente scientificas baseiadas na authenticidade da Biblia, nos milagres e nas profecias, ha provas mais populares, accessiveis ás pessoas menos instruidas e que não exigem muito longos desenvolvimentos.

E' á uma destas que vamos recorrer, e estamos convencidos de que todo homem sério e de boa fé que lêr estas paginas, conosco concluirá que, suppondo-se real a immoralidade do sacerdocio, forneceria esta um argumento novo da divindade da Santa Igreja.

* * *

Seguramente, a Igreja catholica existe actualmente no mundo. Bem que agonisante, no dizer dos nossos heroes voltairianos e livre-pensadores, occupa ainda, graças á Deus, um logar bastante largo no nosso pobre planeta, para que seja perfeitamente inutil demonstrar sua existencia e sua vitalidade. Pois bem, affirmamos que somente o facto

desta existencia no nosso seculo XX, prova do modo mais brilhante que a Igreja Catholica é essencialmente divina. E, com effeito, se como toda a falsas religiões não fosse senão uma instituição puramente humana, jamais teria podido ella chegar até ao nosso seculo XX e, na hypothese mesmo de haver chegado, não poderia n'elle viver.

E primeiro que tudo, nunca teria ella podido chegar até ao seculo XX.

E porque? Simplesmente porque somente o *tempo* deveria tel-a devorado e porque os milhares de agentes destruidores que tem n'a incessantemente assaltado no caminho, tel-a-iam infallivelmente anniquilado. Que cousa, com effeito, ha que este grande destruidor, o *tempo* não destrua? No scenario d'este mundo, tudo se abala, tudo se desloca, tudo perece ao attrito dos seculos, ao conflicto das liberdades e das paixões humanas. Os reinos e os imperios caem, as dynastias caem, os systemas philosophicos caem, as mais solidas instituições humanas caem! E no emtanto, a Igreja Catholica permanece de pé!...

Vemol-a só, erecta, a cabeça erguida, no meio dos destroços e das ruínas amontoadas as redor della, e ouvimol-a repetir altivamente, com o accento de uma convicção profunda, o que o grande poeta romano só dissera por vaidade e orgulho:

Si fractus illibatur orbis, impavidum ferient ruinae.

Sim, que todos os tronos se abatão,

que sejam arrasadas todas as nações, que o universo inteiro desabe, caindo em torno de mim, nada temerei, porque um Deus a sustém! Entretanto, se achas natural que a Igreja tenha podido atravessar dezenove longos seculos sem resentir-se o menos possível da acção destruidora do *tempo* que, durante este intervallo, levou ao tumulo todas as outras instituições humanas; como por favor, explicareis que não tenha sido ella pelo menos cem vezes supprimida pelos agentes de destruição que, como outros tantos abutres esfomeados, tem sempre e por toda parte procurado feril-a, ligados aos seus flancos? Ninguém pode ignoral-o: nunca, por assim dizer, teve a Igreja Catholica um momento de repouso. Durante os tres primeiros seculos, *doze imperadores romanos* trabalharam com verdadeiro odio para afogal-a em sangue. Immolaram sem piedade milhares, milhões de victimas! E qual foi o fructo destes sanguinolentos esforços?

Verdade é que o monstro que chamou-se Diocleciano, cantou victoria; glorificou-se pomposamente de ter abafado, destruido para sempre o nome christão; fez inscrever sua victoria em letras de ouro nos seus arcos de triumpho: *Nomine Christianorum delete!*

Mas, passado apenas um pequeno numero de annos, vivo ainda o perseguidor que esforçava-se por morrer de fome em Solona, e já a Igreja gloriosa e triumphante subiu ao Capitolio com Constantino!

Depois destes tres primeiros seculos de luta sanguinolenta, tinha ainda a Igreja antes de chegar aos nossos dias dezeseis outros seculos a atravessar, e que succedeu?

Do amphitheatro romano e dos dentes dos tigres e dos leões, cahiu sob o dente mais mortifero ainda das heresias, dos sophismas e das peiores paixões.

A perseguição sanguinaria só deveria reaparecer por intervallos, e em espaços mais ou menos limitados, como, por exemplo, na Inglaterra, com o estabelecimento da reforma, sob os reis dissolutos Henrique VIII e Isabel, como na França por ocasião da pretensa emancipação do povo, sob Marat, Danton e Robespierre. Mas á parte estas perseguições sanguinarias, não cessou-se de empregar contra a Igreja Catholica todos os meios possíveis de destruição.

Principes poderosos, imperadores, reis esforçaram-se por subordinal-a, reduzindo-a á escravidão. Negaram-lhe ar e luz; subtrahiram-lhe os mais indispensaveis meios de subsistencia; suscitaram em seu seio as mais desastrosas divisões e, apesar de tudo, apesar da heresia, apesar dos mais prodigiosos esfor-

cos dos despotas francezes e allemães, dos sanguinarios tyrannos inglezes, hollandezes e moscovitas, a Igreja pode sempre proseguir no seu caminho, e veio, cheia de vida, até nós! E não será este um facto visivelmente sobrenatural?

Não será um signal palpavel, uma prova manifesta da intervenção divina!

Como não! Não ha uma instituição humana, que tenha podido atravessar intacta um espaço de dezenove seculos, ainda mesmo que principes e povos, longe de cuidar de destruil-a, reunião todos seus esforços para assegurar-lhe a existencia: e a Igreja Catholica, atravessa, só, esta longa serie de seculos, gloriosa e cheia de vida, isto apesar da acção assassina de innumeraveis inimigos encarniçados em sua ruina!

D. B.

"Deus quer o coração"

Oh! que grande novidade! evidentemente, Deus quer antes de tudo o coração humano; e o mesmo queres tu, ó leitor, de teus amigos e de teus famulos, e ninguém, que eu saiba, pensa differentemente.

Qualquer acto exterior que não andasse acompanhado do coração, seria, por isso mesmo simples fingimento e hypocrisia.

E' pois fóra de toda duvida que Deus quer o coração; porém, tu, meu caro, que andas só a repetir esta phrasesinha, que o mundo te martellou na cabeça, queres dar um sentido muito differente do verdadeiro.

Com esta phrase tu queres significar que Deus só quer o coração, e nada mais exige do homem, nem pouco, nem muito.

Ora, meu caro amigo, isso é um disparate de marca maior, é uma barbaridade.

E senão, vejamos calmamente.

Deus tem o direito inteiro e absoluto sobre todo o nosso ser, porque Elle é o author, conservador e redemptor e ha de ser um dia o glorificador nosso; isso significa que somos inteiramente e *inteiros* de Deus e não só em parte.

O coração, cabeça, corpo e alma e tudo o que a creatura humana possui, depende absolutamente do Creador.

Sendo assim, todo o nosso ser é obrigado a prestar homenagem completa ao Creador.

Por isso a religião, que é o modo orde-

nado por Elle para o seu divino culto, preceituou duas classes de actos: internos e externos, com a differença que os internos podem, ás vezes, ser prestados sós, os externos, porém, hão de andar sempre acompanhados do interior.

O interno, por si só vale muito e é excellentissimo, mas o externo sosinho nada vale, e seria uma mera cerimonia ridicula e vã.

Por isso, na nossa religião ha casos em que só entra o coração, porém ha outros em em que deve tomar parte todo o ser do homem.

Porque esta necessidade de actos exteriores na religião?

O homem não é um ente isolado que só tenha relações comsigo e com Deus sómente.

Se assim fosse, talvez Deus não exigisse com tanto rigor a homenagem de seus actos externos, talvez sua Soberana Magestade se contentasse de vêr, no fundo de nossos corações os bons sentimentos de cada um de nós.

Mas o homem é um ser social, e por isso nos actos religiosos deve proceder não só como simples individuo, mas tambem como membro da collectividade geral de que fórma parte.

Por isso a religião, além de ser uma obrigação intima de cada individuo particular, é um dever da sociedade toda que rende ao Supremo a sua adoração e homenagem.

Na sociedade nenhum laço nem dever existem que se possam cumprir senão por meio de actos externos.

Por isso as mesmas leis humanas procuraram dar certa forma exterior aos actos mais importantes da vida civil, sujeitando os actos juridicos a certas ceremonias, como por exemplo a tomada de posse, e obrigando ao juramento certas actos da vida solenne, como por exemplo a recepção do gráo academico, o exercicio de certos empregos, etc.

Está pois conforme á razão que os actos humanos sejam ás vezes internos e externos, conforme a occasião.

O genero humano em peso assim o comprehendeu sempre desde o sacrificio de Abel até os ritos supersticiosos com que hoje em dia veneram o seu idolo os selvagens de nossas mattas virgens.

Esse é o sentimento de todos os homens, de todos os tempos, debaixo de todos os climas e em todos os cultos differentes, sendo estranho que o incredulo, por odio á fé verdadeira se julgue dispensado d'esta formal sujeição do senso comum.

Mas afinal de contas, vamos e venhamos, isso é facil de explicar-se; não que o homem sem religião admitta tal absurdo, o que elles

fazem é admittir apenas de bocca, sem acreditar realmente, para justificar-se de algum modo com o esquecimento completo de seus deveres religiosos.

Deus só quer o coração! dizem elles, dando assim a entender, que ahí, no fundo de seus corações amam muito á Deus e agradecem sempre os seus beneficios, pedem sempre o perdão de seus peccados e rogam com o maior fervor por suas indigencias.

O que é certissimo, é que esses desditosos que querem amar a Deus sómente com o coração nunca sentem em seus corações nenhum pensamento sobrenatural para o céu.

Esta é que é a verdade verdadeira, e como és capaz de me pedir uma prova, eu te darei um punhado d'ellas.

O homem foi formado de tal modo, é tal a connexão mysteriosa que existe entre sua alma e seu corpo, que é absolutamente impossivel, sem continuados e violentissimos esforços, deixar de traduzir no exterior o que se passa no seu coração.

O amor, o odio, a esperanza, o desespero, o desejo, a alegria, o máo humor, a dignidade offendida são sentimentos puramente internos que não se experimentam na mão, no pé, ou nos olhos, mas passam se no intimo do coração.

Comtudo será possivel a um homem possuido de qualquer d'esses sentimentos em seu interior, que não o manifeste logo no rosto, salvo violentos e difficeis esforços?

E' tão certo isso, que até o individuo mais tapado percebe logo esses sentimentos no homem recto que os sente, e ainda que o individuo procura disfarçar sua contrariedade, é facil a gente conhecer logo.

Se isso é assim, tratando se dos sentimentos comezinhos da vida quotidiana, não será do mesmo modo quanto ao sentimento religioso que é o mais profundo de todos, o mais effcaz e de natureza mais communicativa?

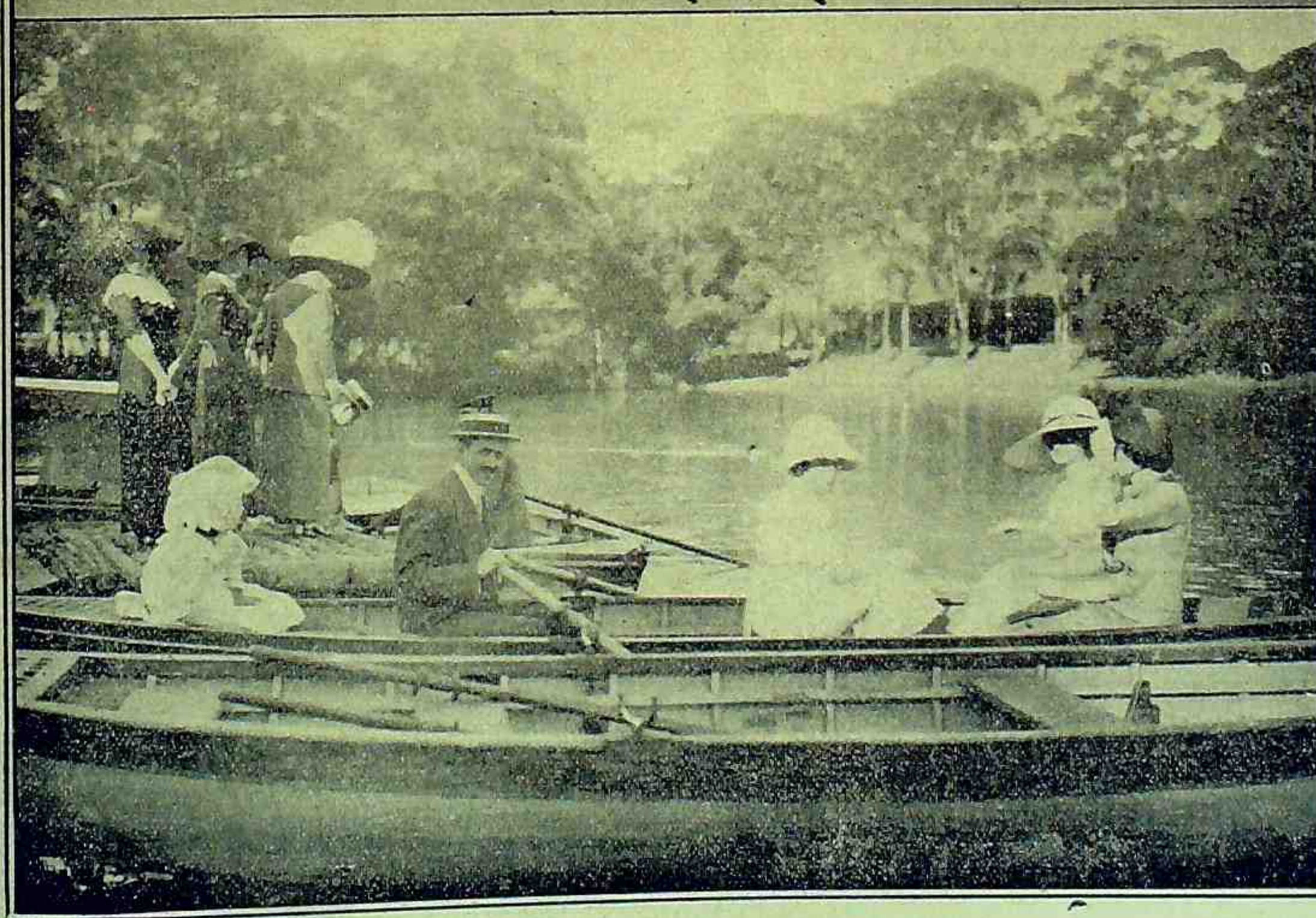
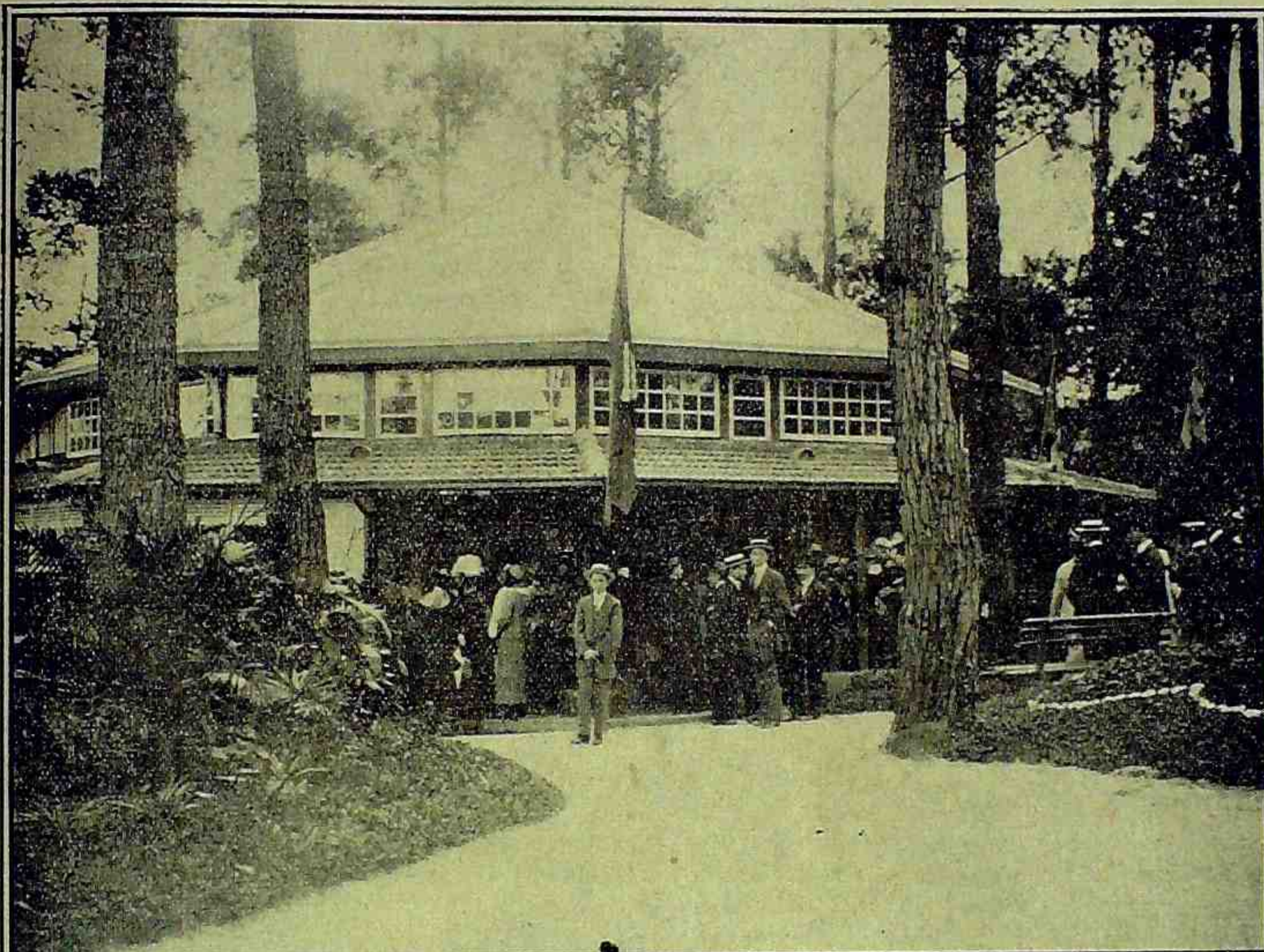
O homem que realmente serve á Deus de coração perfeito, poderá, durante sua existencia, esconder esses sentimentos?

O fogo do amor divino que elle diz trazer accêso no fundo de seu coração, poderá não commuaicar certo calor á suas palavras, movimentos e acções?

Ser sinceramente fervoroso dentro da alma e manifestar continuamente no exterior todos os signaes de impiedade e indifferença, será possivel?

Não seria isso uma hypocrisia do vicio, muito mais difficil de sustentar e levar á cabo do que a mais refinada hipocrisia da virtude?

Dr. F. S.



São Paulo.—Lugar aprazível da Capital Paulista e onde se reúnem as principaes familias (Clichê da "V da Moderna,,)

O SENTIMENTO

A harmonia é a nota característica do bello, é ella que sacode a natureza do somno letargico em que dorme profundamente; desperta do repouzo inconsciente, em que tudo unifica pelo elo colectivo d'uma obediencia geral.

Ella perpassa aereamente, entallada pelo vento, levando em ondas vaporozas o canto rumoroso das fontes, como um protesto solemne pela presença das indecorosas naiades que prezidem as aguas.

A sua origem é celeste; nasceu da chamma prodigiosa do amor para illuminar a fé que se extraviára pelos tortuosos caminhos abertos pela descrença.

E' a expressão fidedigna de nossos sentimentos, ella falla meigamente com incomparavel ternura, arrancando muitas vezes sentidas lagrimas, que as reminiscencias nos apresentam despertadas por suas melodias, como na historia de Santo Estevam que foi um dos primeiros martyres do Christianismo, em diversas lutas espirituas; os judeus o caluniarão: por faltar ao respeito á lei de Moyzés, foi chamado á responder deante do Senado; provou a sua innocencia; mas os judeus arrastaram-no para fora da Cidade e o apedrejaram cruelmente; durante o seu martyrio, o céu abriu-se; elle extaziado contempla a gloria de Deus!

Seu espirito confortado pela doçura celeste abandonou nas mãos de seus algozes o seu corpo santificado.

Pelas artes faz vibrar a natureza; manifesta-se no pequeno cerebro da criança; prende um selecto auditorio; deslumbra-o com composições classicas admiravelmente interpretadas, sem escola e sem exercicio, apresentando somente a innocencia infantil como um mimozo argumento; fragil instrumento insuflado pelo poder Divino.

Muitas vezes diante d'esses prodigios os scepticos são surprehendidos por uma voz intima que ainda não lhes fallara, pedem á sciencia a resolução d'esse problema; ella que guarda a chave de todos elles, fica perplexa; admirando tambem a intelligencia precoce sem o devido desenvolvimento phizico.

E' prodigiosa e eloquente pela grandeza de suas attribuições.

Quanta couza nos falla a doçura de suas harmonias?...

Ellas revivem com indizivel saudade os

affectos que nos cercaram a infancia pela fidelidade de nossas reminiscencias que de momento reune todas as folhas que o destino havia dispersado.

E' pela doçura do rhythmo que abstrae os nossos pensamentos, elevando-os em uma apotheoze resplandecente de luz para gozarmos de uma vida que nunca mais se extingue.

MARIA TOLEDO LIMA.



Catechese ás direitas

Uma embaixada Boróro em Cuyabá

Chefiada por tres caciques sob a direcção do denodado sertanista Revmo. Padre João Balzola, da missão Salesiana, chegou em Cuyabá a 21 de abril proximo passado uma luzida embaixada de 24 indios da futura tribu dos Boróros.

Festivalmente recebidos ao som da maviosa banda do Instituto, pelos lentes e alumnos e numerosas pessoas presentes, a todos empolgaram pela pujança physica, pelo sereno e alegre da phisionomia, mas, sobretudo, pela polidez de maneiras, revelações luminosas de uma raça nobre e forte e de uma educação catechetica admiravel. Que contraste entre esses 24 atletas indigenas e os boróros que estamos affeitos a contemplar pelas nossas ruas, vagabundos, maltrapilhos, brutos, boçaes, borrachos, insolentemente mendicantes!... Bem haja quem os rehabilita!

Oxalá que aos sympathicos mensageiros das tabas do oriente, não depare a nossa cidade, a «grande taba», senão as flores da hospitalidade e as palmas do triumpho!

No palacio Archiepiscopal—Pelas 2 horas postmeridianas do dia seguinte, 22 de maio, desfilou o batalhão pelas ruas da cidade, que se apinharam de gente para admirar-os.

Iam visitar as duas supremas autoridades do Estado, o Exmo. e Revmo. Snr. Arcebispo e Exmo. Snr. Dr. Presidente.

Acolhidos paternalmente pelo venerando Pastor, beijaram-lhe todos reverentemente o sacro annel e foram á capella do palacio onde recitaram breve prece em lingua boróro:

S. Exma. Revma. transbordava de lidima consolação vendo assim arrebanharem-se tantas ovelhas que ainda erram fóra do seu mystico ovil. Distribuiu a cada um, como lembrança, uma moeda de prata, e, por fim abençoou-os.

Que a bençam do augusto antistite se transfunda em toda a raça, fecundando-a cada vez mais para a civilização e o progresso.

No palacio presidencial—Apresentados com breves palavras pelo joven e intelligente boróro, Thiago Aipobureu Marques, estudante do Lyceu Salesiano, foram os embaixadores das selvas carinhosamente recebidos pelo Exmo. Snr. Dr. Presidente do Estado, que se entreteve com os RR. PP. Balzola e Aquino Corrêa, em amistosa palestra sobre os indios alli presentes e a marcha ascensional da catechese salesiana.

Os selvicolas tinham derramado pelo salão nobre, assentados sobre o tapete escarlate.

Estava um quadro de encantar a Victor Meirelles ou Pedro Americo...

Foi-lhes então offerecido saboroso café pelo Dr. Presidente que, ao se despedirem quiz photographar-se no meio delles, em signal de benevolencia e interesse pela raça e por aquelles que assim a nobilitam.

Dirigiram-se em seguida á Inspectoria de Protecção aos indios onde se apanhou tambem um grupo photographico.

Inauguração dos trabalhos do Santuario de Nossa Senhora Auxiliadora. — O primeiro numero do programma foi uma mina a que assistiram todos os convidados e os 24 selvicolas que rezaram com edificante recolhimento e respeito as orações na sua lingua bororó.

Pode a espada desarinar as mãos do vandalo; não é, porém, capaz de nella pôr os instrumentos de um trabalho consciante.

Passaram-se em seguida os caçadores da floresta para o local dos trabalhos onde sob a direcção technica dos illustres engenheiros, Dr. Washington de Aguiar e Dr. Miguel Carmo de Mello inauguraram-se solemnemente os trabalhos.

Era de vêr aquelle renque de possantes bustos e musculosos braços selvagens a vibrarem rythmicamente as picaretas, sob um sol deslumbrante, como apothese, e por entre os hymnos festivos da banda.

Foi como o acto solemne da incorporação do indio bororó á sociedade civil pelo trabalho.

Nunca o bororó tomara parte, em plena cidade, no mourejar do nosso progresso. Hoje são elles vindos prestar o contributo do seu trabalho intelligente na construcção de um monumento que vai realçar de muito a craveira do nosso adeantamento edilicio.

Já se não apresentam elles a nossos olhos brandindo arcos ou tacapés, mas enxadas, pás, picaretas e foices. Não mais as armas da barbaria, que destroem, porém as da civilização e do trabalho, que edificam.

Urgia mesmo, pois, trocar o mosquete e a espada pela cruz.

Bem o dissera o major Duarte. A espada pode apenas domar, não educa: quem educa é a cruz.

A espada se levanta para humilhar; a cruz se humilha para levantar.

A espada quer a submissão; a cruz quer o perdão e o amor.

Na espada — a violencia; na cruz — a liberdade.

Naquella — a força; nesta — a razão e a fé. Que abysmo, pois, entre o nosso primitivo systema de pacificação e a catechese catholica!

Quam bem merecem do Paiz e da humanidade que renovam pela cruz o heroismo dos Nobregas e Anchieta!



Para os lares católicos

De um respeitavel vigario de Minas recebemos as amaveis referencias que muito agradecemos e que com devida venia inserimos a continuação:

«Cumprimento cordealmente a V. Revma. e venho dar-vos os meus sinceros parabens pelo bem immenso que que V. Revma. e os vossos illustres collaboradores, os Revmos.

Missionarios Filhos do Immaculado Coração de Maria estão fazendo nesta terra abençoada da Santa Cruz por meio de vossa admirada e tão popular revista «Ave-Maria», cujo nome é tão suggestivo e por si só captiva a sympathia dos bons catholicos que sabem, ser esta magnifica Revista destinada a publicar por toda a parte a gloria de Maria Santissima, a Mãe de Deus e tambem a nossa mãe, cujo Coração Immaculado, o coração mais semelhante ao Coração Amantissimo de Jesus, o seu divino Filho, é tão cheio de bondade, amor e compaixão para com os pobres pecadores, e é o manancial perenne das torrentes de graças que por sua intercessão toda poderosa derramam-se, todos os dias, sobre a humanidade inteira.

«E' com prazer indizível que leio esta optima Revista que não deveria faltar em nenhum lar catholico, estando ao alcance da mais modesta fortuna, sendo até quasi gratuita, attendendo a sua edição semanal, a seu rico e variado conteúdo religioso, scientifico noticioso e recreativo, a par das magnificas e numerosas illustrações que traz em cada numero.»

SECÇÃO SCIENTIFICA

Secaram-se as vossas terras?

Manuseando a instructiva obra — A Parahyba — do coronel João Lyra, deparei com a nota seguinte: «Quando Fulton, no principio do seculo actual, apresentou a Napoleão 1.^o a sua memoria sobre a navegação a vapor, elle a leu, entusiasmado pela ideia; quiz mandal-a pôr logo em execução.

«Para fazer, porém, calar uns ultimos escrupulos, transmittiu-a ao Instituto de França, que a taxou, como era de esperar, de disparatada *utopia*!!!

«Napoleão, envergonhado, restituiu a memoria a Fulton, e nunca mais se lembrou da navegação a vapor. Passaram se annos; o genio da guerra, o filho predilecto da Victoria, prisioneiro dos inglezes, atravessava a Mancha: viu ao longe um navio fumegando e sem veias.

«Informaram-lhe ser uma das primeiras applicações da sublime concepção de Fulton!...

«Ah!, disse elle, não estaria, por certo, aqui, se acreditasse menos nos sabios do Instituto!...»

Quando nos chegar o anno de 1924, com a secca, consequente das de 1724 e 1824, os sertanejos, onde não houver *cactus* de especie alguma, então dirão, arrependidos: Ah!, si nós tivéssemos juncado os taboleiros, caatingas e serras de uma planta de facil propagação; que não depende de cultivo especial; que não morre com as seccas; que adapta-se ao clima tropical; cujas raizes, formando um espesso tecido, privam o escoamento rapido das aguas fluviaes; cuja batata é optima alimentação para o gado vaccum; cujas folhas, na industria das fibras, são de grande valor; — não estaríamos soffrendo tão grandes prejuizos!...

Não cessarei de incutir no animo dos sertanejos a propagação do *gravatá-assú*, maxime nos lugares onde não ha *cactus*.

A mim não importa que me taxem de *teimoso*, de *utopista*, ou de *visionario*.

Trato de uma propaganda que julgo ser util ao sertão, não visando interesse proprio, e sim da collectividade.

Julgo assim cumprir um dever civico.

Devemos nos premunir de uma forragem que não falte nos tempos de secca.

Dir-se-ha que, a de que tenho tratado, não se pode propagar: isto, nunca. Cerquem-se os terrenos imprestaveis á agricultura, e tratem de propagal-a em grande escala.

Si fôr publicado o presente artigo, como espero, o guardarei com todo cuidado, afim de ser reproduzido em 1924, si antes desse tempo a morte não roubar a minha existencia.

Quasi sempre as concepções sobre um ideal são recebidas como *utopias*.

Já encontrei um adepto, o coronel Lourenço Gurgel do Amaral, de Carahybas, no Rio Grande do Norte, pedindo-me, por carta, informações sobre o *gravatá-assú*.

Poderá haver outra planta que offereça vantagens, mas não tantas quanto o *gravatá-assú*.

Bezerros, 13 de abril de 1912

IGNACIO MACHADO DA COSTA NETTO

O sonho e o coração

Quando nos deitamos a dormir, o fim da natureza é que o corpo, principalmente o coração, tenham descarso.

Com effeito, este orgam, durante o somno, dá 10 palpitações menos, por minuto, do que quando estamos levantados, e isto significa 600 movimentos menos por hora.

Durante ás 8 horas que, de ordinario, cada individuo consagra ao descanso, o coração econ misa por conseguinte 5.000 palpitações approximadamente.

O calor do corpo depende da força da circulação, e como o sangue corre muito mais lentamente pelas veias, quando se está deitado, dahi nasce a necessidade que temos de nos agasalhar na cama.

Victoria sobre o cancro

Não foi a medicina com seus admiraveis progressos que logrou debelar um dos maiores inimigos do corpo humano.

As Academias, os Institutos e Laboratorios toram até agora impotentes para esmagar esse audaciôso polvo que zombou impreterivelmente de todas as armas com que o pre-



Jacutinga (Sul de Minas). — Sacerdotes reunidos por occasião das conferencias ecclesiasticas.

tenderam aniquilar as milícias de Esculapio e Galeno.

Foi somente até os nossos dias o mandato do Creador, a voz divina a que obedecem irresistivelmente os astros inmensuráveis do firmamento e os microbios infinitesimais que germinam entre os órgãos dos seres vivos, semeando, implacáveis, o extermínio nas diversas classes e tribus zoológicas e entre as mais perfeitas espécies do reino animal.

Deus agrada-se de ouvir as preces dos fieis que recorrem á sua omnipotencia pela intercessão dos Santos e principalmente da soberana Virgem Maria.

Acudindo á intercessão da excelsa Mãe de Deus, é que novamente podemos contar um desses grandes prodigios divino-terapêuticos que a medicina scientifica sempre foi impotente para operar.

Prova-o assim com toda evidencia o que Soror Maria do Socorro Martinez, religiosa concepcionista, residente em Ceuta, possessão espanhola de Africa em frente a Gibraltar, referia, com data de 28 de abril ultimo, escrevendo a sua familia :

«Temos nesta Santa Casa, faz uns 11 mezes, uma senhora, sobrinha dum capitão de infantaria. Trouxeram-na numa maca, pois fazia cinco annos que estava doente em cama e veio com uma pequena costra no rosto, a qual foi crescendo e resultou ser um cancro. Excuso dizer as dôres que a pobre senhora padecia com esse motivo.

A carne do rosto ia crescendo, e o medico decidiu-se a queimal-a com fogo vivo; mas ao dia seguinte da operação, estava a carne tão crescida, como antes de ser queimada e cortada.

Veiu o medico e eu disse-lhe: «D. Felix, não sobe V. E. a visitar D. Izabel?» «Embora lhe queime e lhe corte toda a face, será tudo inutil; não ha remedio.»

Encheram-me de pena essas palavras, porém ao mesmo tempo senti-me movida a subir aonde estava a enferma e dizer-lhe: «Comece V. uma novena á Virgem Santissima do Pilar e eu começarei outra, pois o medico não vê solução para esta enfermidade.»

Começamos as novenas e ao quarto dia tinha-se-lhe consumido a chaga. E ainda não tinham terminado os nove dias, quando voltou o medico e fiz-lhe subir a ver a enferma, sem dizer-lhe nada do que occurría.

Logo que entrou na sala e viu que o rosto da paciente estava natural, encheu-se de surpresa e admiração, e perguntou: «mas, quem foi que cortou a V. a carne?» E a enferma, como fóra de si, pela alegria, lhe respondeu: «Foi a Virgem Santissima, pois quan-

do V. E. disse que era impossivel minha cura, recorri a Ella, implorando sua protecção.»

Já passa dum mez que o mal está completamente curado, cicatrizada a chaga e sem nenhuma dôr a paciente.

No ultimo dia do mez de Maria teremos, querendo Deus, uma solemne missa cantada em acção de graças pelo favor dispensado por Nossa Senhora a Virgem do Pilar.

SOROR MARIA DO SOCCORRO MARTINEZ



Marianna

A's 9 horas da noite, de novo bimbalharam os sinos de todas as Igrejas, e novas salvas de fogos espoucaram nos ares.

No dia 20, pela manhã, appareceram como por encanto, todas as ruas que conduzem de palacio Archiepiscopal á Cathedral, ornamentadas primorosamente.

A's 8 horas da manhã, sahiu então do palacio o prestito. Vinham á frente as Damas do Coração de Jesus, todas uniformisadas; após, seguia a Associação das Filhas de Maria, composta de numerosas donzellas da Cidade e das internas no Collegio da Providencia; o clero com numerosissimos representantes; Padres, Conegos, Monsenhores, não deixando de mencionar S. Eminencia o Cardeal Arcoverde e o Sr. Bispo de Pouso Alegre, que estavam tambem presentes ao acto; afinal, sob um rico pallio, sustentado por presbyteros, o insigne D. Silverio Gomes Pimenta, esse grande homem, em cuja frente, se notavam profundos traços de modestia que lhe caracteriza o espirito de Christo. Vinha acompanhado das mais altas autoridades do lugar e de inumeros populares, terminando o prestito a magnifica banda de musica de S. José, que executava lindas marchas festivas. Podiam-se contar, ao todo, umas 3.000 pessoas, formando essa procissão matutina que se dirigia para a Cathedral.

Ali, S. Exa. o Sr. Arcebispo tomou solememente os paramentos para a celebração do Pontifical, o que fez, como inauguração do altar mór de marmore, que foi erigido em commemoração a tão faustosa data.

Foi grande a concorrência no Pontifical; nella tocou a orchestra de S. José as musicas proprias, com todo o esmero, que lhe caracteriza. Após a missa, voltou de novo o prestito para o palacio, onde foi servido profuso copo de cerveja.

A' uma hora da tarde, encorporaram-se todos os vereadores da Camara Municipal, a banda de musica «União 15 de Novembro» para uma manifestação a S. Exa. A's 3 horas da tarde, foi servido lauto banquete com a presença do Exmo. Sr. Cardeal Arcoverde e o exmo. Sr. Bispo de Pouso Alegre. Leu, por esta occasião, magistral discurso o Exmo. Cardeal; fallou em nome do clero o Revmo. Conego João Pio, que discorreu sobre os altos dotes que ornaram a D. Silverio,

como presbytero, Arcebispo e homem de letras.

Em seguida, em nome dos catholicos, orou o Exmo. Sr. Dr. Lucio dos Santos, cujas saudações, foram respondidas pelo dr. Diogo de Vasconcellos, em nome do sr. Arcebispo.

Terminado o banquete, foi cantado no Seminario, o Te-Deum, em acção de graças, seguindo depois bellos fogos de artificio, na Praça do Palacio, com grande concorrencia de populares.

Eis como se passaram os dias 19 e 20 de julho em Marianna.

Esta catholica cidade, sentiu como aquelle ancião que mencionei, pullular em seu seio um coração fervente, e até parece que ella mesma se ergueu rejuvenescida, e bradou um Salve a D. Silverio!! a esse grande sacerdote, a quem todos os dotes de nobreza podem ser attribuidos sem escrupulo, pois que os merece.

Salve! pois D. Silverio, luminar do clero, batalhador incansavel pelo Christianismo!!

Salve! D. Silverio, illustrado homem de letras, que já tem erguido bem alto o seu prestigio nas letras patrias!!

Marianna toda, Minas em peso, nestes dias, vos augura muitos annos de felicidades! Implora aos céus mais triumphos para vós, em favor do catholicismo, de quem sois dedicado principe! Reune um ramallete, não as rosas naturaes e artificiaes que se fariam com o tempo, mas as rosas de seus corações reconhecidos, para vos offerecer, gritando numa só voz: Salve, D. Silverio Gomes Pimenta!!!

Marianna, 22-7-1912

A CORRESPONDENTE.

Notas e noticias

De Roma

O Santo Padre recebeu em carinhosa audiencia, no dia 23 de julho p., setenta peregrinos norte-americanos. Os devotos peregrinos ofertaram a S. S. o obulo de 50.000 liras.

Mais tarde S. S. recebeu uma peregrinação de peruanos, presididos pelo ministro do Perú, junto á Santa Sé.

—S. S. Pio X presenteou ao principe Leopoldo, duque de Brabante, um magnifico crucifixo de prata, sendo portador o emmo. cardeal Mercier.

O excelso principe agraciado por S. S. é o filho primogenito de S. M. o rei Alberto, tendo nascido a 3 de novembro de 1901.

— Como inicio das festas do XVI centenario da Paz de Constantino, o cardeal Respighi, Vigario de Sua Santidade, benzeu a primeira pedra de uma nova igreja dedicada a Santa Helena, mãe do imperador Constantino. A primeira pedra é de marmore, tirada

AVE-MARIA!

La virgen del Pilar! Ave-Maria!
Ave-Maria, estrella matutina!
O' lagrima de angustia e de alegria,
Lirio branco, celeste peregrina,
Na aurora, ao pôr do sol, no mar, na terra,
Bem dita sejas tu — Ave-Maria!

Que fôra da mulher sem ti, no mundo!
Vae apegar-se às dobras de teu manto
A que tem um filhinho moribundo,
Invocando o teu nome sacrosanto!
Ave-Maria — ó mãe dos affligidos!
Ave-Maria — ó balsamo do pranto!
Entre nuvens de incenso do thuribulo
Acodes e sorris ao desgraçado
Quando sobe as escadas do patibulo.
Quem acredita em ti, amor sagrado,
Não lhe importa morrer, Ave-Maria!
Resuscita em teu seio immaculado!

BULHAO PATO.

do sepulcro do Papa S. Marcellino, contemporaneo do grande vencedor de Maxencio.

A comissão do centenario pretende erigir com as esmolos dos cristãos de todo o orbe um monumento comemorativo na Ponte Milvia, por onde Constantino entrou victorioso em Roma, depois da aparição da Cruz.

— Ao proximo Congresso Eucaristico Internacional, a celebrar-se em Vienna, irá como Legado Apostolico da Santa Sé, o cardeal hollandez Guilherme van Rossum. O imperador Francisco José fez saber ao Santo Padre que o cardeal legado será levado a Vienna e voltará a Roma num trem especialmente contratado pela familia imperial, e que sua emcia. será hospedado no palacio de S. M.

Vida católica

Celebrando-se por estes dias a novena preparatoria á festa do Coração de Maria, publicamos o numero desta vez duplicado de nossa revista, o que esperamos dará grande contentamento aos nossos leitores, amantes das glorias daquelle Coração purissimo a que está dedicada a *Ave-Maria*.

Rogamo-lhes encarecidamente a difusão de sua leitura entre as pessoas amigas que não a conhecem, bem certos de que hão de lhes fazer com isto um bello acto de caridade fraternal, que o Coração de Maria lhes ha de agradecer.

Novo arcebispo

— Para o governo espiritual da diocese de Porto Alegre, foi escolhido por S. S. o Papa o exmo. sr. d. João Becker, bispo de Florianopolis,

Grata noticia é esta e agradavel surpresa para todos os rio-grandenses que verão brevemente voltar ao seu Estado, ocupando a

séde archiepiscopal o saudoso Prelado que tanta admiração ganhou e tantas simpatias conquistara com seu ministerio sacerdotal na sua paróquia de Porto Alegre.

O seu dignissimo predecessor, exmo. sr. d. Claudio Ponce de Leão, verá com muito prazer o activo continuador de seus empreendimentos generosos em prol da diocese porto-alegrense.

Nossos parabens ao virtuoso eleito exmo. sr. d. João Becker que sempre acompanhou nossa humilde revista com sua generosa amizade, e aos numerosissimos amigos e leitores que vão gozar da sabia direcção espiritual de sua exa. revma.

— Existem na Australia 925.425 habitantes catolicos, dirigidos por uma hierarquia de dois arcebispos, dezeseite bispos e tres vigarios apostolicos.

— No exercito da Suissa existem 94 capelães catolicos, dos quaes 77 prestam seus serviços nos quartéis, e 17 nos hospitaes e lazaretos.

Projecto infame

A diocese ds Campinas deu o mais bello exemplo de acção catolica contra o projecto do divorcio. Não só as corporações e associações religiosas, mas muitas entidades civis protestaram, como taes, contra a rapida desmoralisação que politicos desnorteados e escravos ignobeis das seitas preparavam ao Brasil, por meio da dissolução legal do lar domestico.

Foi o municipio de Rio das Pedras, fôram os directores politicos de Serra Negra, Limeira, e o comercio de Mogy Mirim que telegrafáram aos deputados federaes dos distritos, lembrando-lhes o seu estricto dever de salvaguardar a integridade da familia.

Era nos mesmos dias em que a celebrada Princeza do Oeste recebia pomposamente e mostrava suas preciosidades ao digno Secretario do Interior, e ao dr. Oscar Rodrigues Alves, representante do presidente do Estado, que muito apreciaram os prestigios artisticos do inspirado escultor, Marcellino Véllez, e do pequeno Mario Monteiro, musico das mais bellas esperanças.

A comissão diocesana de propaganda presidida por mons. Reimão, enviou ao presidente da Camara dos Deputados uma representação contra o divorcio, assignada por 5.807 pessoas, residentes em Campinas, Villa Americana, Socorro, Montemór, Mogy Mirim, Lyndóia, Rio Claro, Rio das Pedras, Capivary, Itapira, Piarcicaba, Lemeira, Posse e Pirassununga.

— Entre os notaves juristas que no Rio de Janeiro acabam de celebrar um Congresso Internacional Americano, delegados por

seus governos para a unificação do Código de Direito Internacional Privado e Publico, assistiu o dr. Zorrilla San Martin, do Uruguay, católico de acção; visitou o emmo. sr. Cardeal Arcoverde e o florescente Circulo Católico, em que admirou o zelo e actividade de seus membros e a prosperidade de toda aquella agremiação.

— O Jornal do Commercio publicou diversos artigos contra o divorcio...

Publicou, mas foi na secção livre, cobrando optimos cobrinhos... a tanto por linha.

Esse jornalão é o modelo dos outros, daquelles que se dizem neutros, para se desinteressar dos verdadeiros interesses do povo, desprezando a religião e as bases certas da moral.

Entretanto, o Jornal do «Diabo a Quatro» publica, pagando elle mesmo, a tanto por linha, a seu autor, ao velhote C. A., os despropósitos com que se atreve a insultar a religião e a publica moralidade.

E dizem que é o medelo...

— No dia 10 de junho inscreveram-se no *Bureau* medico do Santuario de N. Sra. de Lourdes 88 medicos, sendo 40 francezes e 48 estrangeiros de diversas nacões, que vieram indagar, presenciar, e testemunhar as curas milagrosas.

— No dia 10 de Junho inscreveram-se no *Bureau* medico do Santuario de Lourdes 88 medicos, sendo 40 francezes e 48 estrangeiros de diversas nações, que vieram indagar, presenciar, e testemunhar as curas milagrosas.

— De 25 a 27 de junho celebrou-se nos Estados-Unidos o nono congresso de ensino católico. Teve logar em Pittsburg, estado de Pensilvania, achando-se presentes 600 Irmãs religiosas, dedicadas á instrucção da mocidade.

— O exmo. sr. bispo de Ciudad Real, Prior das Ordens Militares, na Hespanha, prohibiu terminantemente a todos os sacerdotes que formassem parte do pessoal docente e que ajudassem por forma nenhuma, nem com auxilios ou recomendações, todo collegio e escola em que não fosse obrigatorio o ensino da Religião.

Que diremos, pois, daquelles que facilitam, até com doações de terrenos, o estabele-

Na *première* dum drama do grande escriptor inglez Bernardo Shaw, emquanto todo o publico o applaudia enthusiasmado, apenas um espectador o assobiava.

Shaw aproximou-se d'elle e perguntou-lhe a sua opinião sobre a peça.

— E' detestavel, retorquiu o desconhecido.

— Sou do mesmo parecer e, portanto, vamos assobial-a ambos.

Dito e feito. Shaw ainda a assobiava com mais força que o seu companheiro.

cimento de escolas neutras onde está banido o catecismo e onde nenhuma idea religiosa se pôde inculcar aos alumnos, e que dest'arte, pelo menos indirectamente convertem-se em escolas de perdição?

O mesmo Prelado mandou que o catecismo obrigatorio em todas as escolas fosse o que mandou para a diocese e provincia ecclesiastica de Roma o Santo Padre Pio X, e que já de muitos annos vinha sendo ensinado nas provincias da Alta Italia.

— O illustre escritor católico Menéndez Pelayo continuou a estudar e escrever até o fim de sua vida. S. M. Affonso XIII adquiriu os ultimos manuscritos e a ultima penna com que o festejado historiador e critico abrihantou as paginas da historia teologica e litteraria de sua patria.

— Buenos Aires tem um jornal, como deviam ser todos, em paizes católicos: é um jornal que conta a verdade, e se interessa pelo povo, como seu nome o indica: chama-se *El Pueblo*, diario francamente católico.

El Pueblo foi favorecido, ha pouco, com a esplendida doação de 200.000 pesos argentinos, ou 340 contos, por senhora que quiz fazer esta grande obra de beneficencia em sufragio da alma de seu marido.

A dama generosa ocultou seu abençoado nome sob veus do anonimato, mas não lhe hão de faltar as bençams de Deus e os agradecimentos do povo catolico da Republica Argentina.

Visita presidencial

— Contaram as agencias telegraficas que o presidente Saenz Peña visitou, no dia 2 de agosto, o refeitorio Sosteno onde almoçam diariamente e com fartura para mais de mil operarios ao preço de 250 réis em nossa moeda.

Será alguma obra maçonica? será socialista? será anti clerical? serão livres pensadores os bemfeitores.

Serão ...?

A Agencia telegrafica, nada clerical, vê-se obrigada a dizer que o dito refeitorio é da Sociedade de S. Vicente de Paulo.

Creiam: a maçonaria, o socialismo e tudo o mais é uma excrescencia, um cancro que corroe os operarios e lhes suga a substancia com impostos e quotas.

— Nos hospitaes do Uruguay foi, ha tempo dispensado o serviço das religiosas.

Nestes dias houve por lá uma grève de enfermeiros, muito desastrosa, já se entende para os doentes e para os proprios enfermeiros.

— Realizou-se em Paris uma reunião

importantissima com o fim de crear a União internacional catolica. O sr. Vanderpol, ex-ministro da Belgica, lente da Universidade de Louvain e membro da Conferencia internacional de Haya, apresentou um projecto de estatutos que foi adoptado.

Em sua virtude será creado um comité internacional que tem por objecto relacionar entre si as associações da acção catolica das diferentes nações, especialmente quando se requiera uma acção conjunta contra o inimigo comum da Igreja.

Já adheriram muitos catolicos francezes, belgas, espanhóes, suissos, hollandezes, inglezes, italianos e hungaros.

Da Belgica remeteu um anonimo 25.000 francos para auxiliar a União.

Os cardeaes Mercier e Bourne, o Arcebispo de Utrecht, o sr. Burnaut, ministro belga das relações exteriores, e o teólogo famoso P. Lehmkühl aplaudiram e encorajaram a grande obra.

Notas rubras

— Em Portugal já não se pode ser jurado, a não ser que venda a consciencia aos maçons, aos quaes *nada lhes custa* compral-a com dinheiro ou com promessas...

Os jurados que declaram dignos de absolvição os reus acusados de conspiradores, são insultados pela malta dos carbonarios os quaes não contentando-se de afrontar suas victimas com palavras soezes e com uivos de feras, lançam sobre elles as pedras das sargetas.

Portanto os jurados, no Porto, julgaram conveniente ameaçar a Carbonaria de acima que si não se lhes garantia o respeito nas ruas, declarar-se-iam em greve.

— Alfredo Fromentin é o nome agora celebre de um anarchista. Anarchistas são os que querem destruir á força de dynamite a ordem existente e declaram a guerra ás autoridades e aos ricos. Mas Fromentin é, dizem sem admirar-se nem censurar os jornalistas neutros, um anarchico rico, e tão rico que é o maior proprietario de Choisy-le-roi, arrabalde de Pariz: tem diversos palacetes e os aluga aos outros destructores da propriedade que entretanto aspiram a tratar-se melhor que os outros mortaes; e o Alfredinho, apesar de tão esperto, ou por isso mesmo, não cobra o aluguel a seus collegas de anarchismo. Um desses locatarios, intellectuaes e espertalhões, era Dubois que acolheu a malta de anarchistas bandidos de que era chefe Bonnot.

Mas a policia de Paris, fez-se dynamiteira e derrubou já varias casas de anarchistas, afim de castigar os bandidos.

Essas ruinas são visitadas em romaria

por fanaticos devotos... do socialismo, do liberalismo, da anarchia e da maçonaria, com muito gozo do *Estado* que lhes celebra tanta piedade...

— O dr. Martim Francisco que, já como livre pensador que é, virou o casaco politico uma duzia de vezes, foi reconhecido deputado federal, e prestou compromisso, dizendo só que *promettia cumprir o seu dever*. O presidente da Camara tolerou aquelle compromisso vago que nada significa.

Dos porões do palacio Martinico, sahiu impressa uma censura birrenta contra a tolerancia politica do Presidente. O *Estado* tem cada incoerencia...!

— Um tal Ferrándiz jornalista radical e livre pensador, apostata do sacerdocio, publicou em *El Progreso*, jornal de Leroux, um artiguete sob o titulo: El fracaso de Balmes, insultando nelle a religião catholica.

O fiscal acusou o escrevinhador, dizendo que um clerigo que incide em taes faltas de respeito á religião, é mais digno de pena que os leigos. Ferrandiz foi defendido pelo melhor advogado que tem os lerouxistas.

O Jury affirmou categoricamente a culpabilidade de Ferrandiz. Isto dava-se no Tribunal de Justiça.

O ministerio em pleno condemnou o maçon esquerdista a tres annos de prisão correccional, ao pagamento de custas e á multa de 250 pesetas.

Nossos pesames á familia liberal.

O *Estado de São Paulo* só tinha louvores para Ferrándiz: é hora de auxiliá-lo com alguma coisa. Mas elle é muito esperto, como todos os radicaes; e sabe explorar a credulidade do povinho. Leroux, o seu chefe, teve a audacia incrível de prégar á turba analphabeta de sua grei que era obrigação de todo radical-republicano-anticlerical sacrificar a bolsa e a vida pelo partido, ou seja para engordar e defender o mesmo Leroux que é a personificação do radicalismo!

— Um Sinhô, espirita e jornalista, mal aconselhado de espiritos malandros, propalou no jornal um boato contra as Irmãs de um collegio catholico, no municipio do Sacramento, Minas.

Dahi a alguns dias, o Sinhô dos boatos retratou-se, alegando que fôra melhor informado pela Irmã directora e pelo coronel José Affonso de Almeida.

Ora, o Sinhô é um apostata da religião, e os apostatas nunca recuaram ante as razões...

Não foi isso: foi o medo ás dragonas do coronel; foram ellas que o informaram de que tinha contra si um adversario perigoso...

— A republiqueta de Lisboa, de julho a

janeiro de 1911—1912 arrecadou 35.842 contos de réis e gastou 38.832 contos de réis: o regimen monarchico arrecadou em igual periodo 41.088 contos e gastou 35.461.

Não se deixem enganar, pois, com as felicidades fantasticas que para engazujar os papalvos vem publicando semanalmente o *Estadinho*, da Esquerda do Palacio Martinico.

— Por ocasião da agonia do imperador Mutsuhito, fizeram-se em Tokio, nas praças publicas, demonstrações ferventes, e até febris, de religiosidade, pedindo a Deus a saude do soberano.

Houve alguem que chegou á estupidez de suicidar-se para que sua vida se traspassasse ao imperador.

Os jornaes *neutros* referiam isso com muitas minucias e sem nada censurar. Quando, porém, os catholicos fazem procissões de rogativas, ali os jornaldões de nossa imprensa debicam, criticam e *esgotam* todos os termos dos seus *esgotos* jornalisticos para deprimir os que fazem publica demonstração de sua fé.

E muitos catholicos pigam *religiosamente* esses jornaes.

Que o digam os *jornaleiros* do Estado, Correio, Fanfulla etc...

E não querem dar um vintem para sustentar as folhas que defendem briosamente os actos religiosos...

Peior para elles...!



O flagello das folhas "Neutras,"

Com esse tituto publicou o *Osservatore Romano* o seguinte despacho telegraphico do seu correspondente em Paris:

As gazetas francamente catholicas de Paris, referindo-se ás Letras dirigidas pelo Santo Padre ao Episcopado lombardo e ao brasileiro, acerca da grave questão do jornalismo, e nas quaes Sua Santidade allude ao congresso de Moguncia, observam que esses documentos evidenciam a necessidade urgente que a todos os catholicos se impõe, de crearem e sustentarem uma imprensa verdadeiramente catholica, repellindo, não sómente as folhas secretas, *mas tambem as semi-catholicas e neutras*. No congresso de Moguncia além das recommendações a favor da boa imprensa, foi feita uma recommendação especial, a respeito da necessidade de se crear uma sociedade da imprensa catholica, em todos os lugares em que proliferam as folhas *incolores*.

La Croix diz que, em França, essas folhas constituem verdadeiro flagello.

A imprensa exclusivamente sectaria parece diminuir de energia, porque os seus editores raciocinam assim:

Se não atacarmos a religião, poderemos ser lidos também nos círculos catholicos. Se a tratarmos com deferencia, poderemos alliciar adeptos entre os catholicos. Mas ao mesmo tempo, sob pretexto de liberalismo, de tolerancia, de liberdade de consciencia, evitemos as occasiões de tratar directamente as questões religiosas e, se algumas vezes formos obrigados a tratá-las, façamol-o sem aceitar opinião alguma.

(Com vistas aos leitores do *Estado*).

Assim poderemos ser lidos pelos indifferentes e até pelos hostis á religião.

«Não é isso, porém — escreve *La Croix* — que o Santo Padre quer. A salvação da alma depende, quer se trate do individuo quer da familia, da qualidade do alimento intellectual.

Uma familia que lê uma folha catholica, fortifica o seu catholicismo. Em uma familia que lê um organ anti-clerical, se desenvolve aos poucos o odio á religião. Uma familia que lê revistas e gazetas neutras, torna-se neutra. E como um organismo enfraquecido pela má alimentação não póde resistir a uma doença grave, assim também uma familia neutra não resiste aos ataques a Deus e ao clero, ataques repetidos todos os dias. De neutra, a familia torna-se *indifferente* e passa-se para o inimigo. Por isso, nunca é de mais recommendar ás familias que leiam jornaes e revistas catholicas e repilam deliberadamente as propostas da imprensa neutra.

Trata-se de um dever de consciencia».



Os catholicos belgas triumpham

O Mensageiro Catholico de Jaguarão recebeu de «El Bien», de Montevideu, o seguinte telegramma:

«Os catholicos belgas obtiveram triumpho absoluto.»

Vinte e oito annos faz que o governo da Belgica está em mãos do partido catholico, e nenhum paiz do mundo talvez progredisse tanto e tão rapidamente como esse pequeno reino, que agasalha em seu seio mais de 325 habitantes por kilometro quadrado.

Vinte e oito annos! Além, não iriam os catholicos; assim prophetizavam liberaes e socialistas, unidos em forte colligação anti-clerical contra o governo.

Pois bem: no dia 2 deste mez de junho realizaram-se na Belgica as eleições geraes e os catholicos triumpharam mais uma vez, brilhantemente.

E' que o povo belga, em sua grande maioria, aprecia os immensos beneficios que o governo catholico não cessa de espalhar, e bem convencido está, instruido pelo exemplo da França sua vizinha, que especie de «felicidade» lhe traria um governo radical socialista.

O povo sabe que na França, onde só ha liberdade para os amigos da situação anti-clerical e aquillo de fraternidade e egualdade não passa duma colossal burla, também a vida é muito, mas muito mais cara.

Por serem bastante suggestivos, aqui transcrevemos alguns dados dum interessante quadro comparativo entre a França e a Belgica:

Sob um governo radical socialista, com um «deficit» de 50 «milliards», se paga		Sob um governo catholico com um «bonus» de 210 milhões, se paga	
NA FRANÇA		NA BELGICA	
1 kilo de sal	fr. 0,10	1 kilo de sal	fr. 0,25
1 » de café	» 5,10	1 » de café	» 2,08
1 » de sabão	» 0,70	1 » de sabão	» 0,45
1 pão de 2 kilos	» 0,90	1 pão de 2 kilos	» 0,50
1 lit. de kerosene	» 0,50	1 lit. de kerosene	» 0,15
1 caixa de phosrs.	» 0,10	1 caixa de phosrs.	» 0,01
1 kilo de fumo	» 4,50	1 kilo de fumo	» 1,60
1 » de cigarros	» 12,50	1 » de cigarros	» 3,00
			etc. etc.

Porque será que na Belgica a vida é mais barata que na França, não obstante a carestia dos generos alimenticios?

Porque o governo catholico da Belgica é concencioso, não esbanja os dinheiros publicos, tem dinheiro em caixa e desta arte não se vê na obrigação de levantar impostos e mais impostos.

E com o seu catholico governo á frente, a Belgica continuará na vanguarda do progresso e da civilização, não se deixando dominar e levar ao abysmo pelo feroz anti-clericalismo incarnado nos liberaes e socialistas.

Leiam e desenganem-se os leitores do *Paiz*, *Faufulla*, *Estado* e *Malho*.

Numa loja de louça.

— Todas as panellas que comprei aqui estão reduzidas a cacos!

— Minha senhora, sinto muito, mas não é minha culpa...

— Como não é? Por que bota o senhor na sua vitrine:

Porcellana que vae ao fogo.

— E' isto mesmo, ella vae, mas não garanto que resista.

OS CRAVOS

João e Theresa casaram-se.

Ao termo de um anno, Deus abençoou o seu enlace, e uma formosissima creança, que se chamava Dulce, foi o fructo daquella união.

Mas Theresa não era carinhosa para João, e João não era bom para Theresa.

A pequena Dulce era um cherubim, que amava tanto seu pae como sua mãe, e que para repartir por egual os seus carinhos, sempre queria estar no meio delles.

Na terra, murmurava-se da desharmonia dos dois esposos, e o bom do parochio visitava-os frequentemente, para os exhortar a que seguissem melhor caminho.

Uma noite, levou o Padre um livro para os ajudar a passar o serão; e após os cumprimentos do costume, começou a lêr.

Os esposos, sentados ao pé um do outro, ouviam distrahidos, e a creancinha contemplava com affeição o sacerdote e ouvia attentamente.

Eis a historia que elle leu:

Kora, filha de um poderoso Rei do Egypto, adorava as flores e, passeando um dia pelo seu jardim, viu defronte um do outro, dois formosos craveiros. Um delles tinha um cravo vermelho, como as côres do sol, quando lucha com as nuvens da alvorada; e o outro, um cravo branco, como um bloco de neve que cahisse no tronco da arvore vetusta.

— Que formoso consorcio farão, exclamou a Princeza, ao contemplal-os; e arrancando o ramo florido de cada planta, dispôl-os em um formoso canteiro.

Estremeceram de prazer as duas formosas flores ao verem-se reunidas, e alguma cousa desmaiou a vermelha, e alguma cousa córou a branca.

Passadas poucas manhãs, a dona, louca de alegria, viu brotar do meio dellas um pequenino rebento.

— Quão formoso será, dizia, branco e rosa, as côres de seus paes! Quando o sol o enxugar do orvalho que o banha, sahindo timidamente do velho involucro, deixará vêr as folhinhas variegadas. Eu cuidarei delle com amor, regal-o-ei com frescas aguas, defendel-o-ei dos insectos e abrigar-lhes ei as folhas, para que não sejam manchadas pelo pó.

Passou aquelle dia, e quando, despedaçados os véus da noite, o sol seccou sobre as folhas as lagrimas da aurora, Kora viu com surpresa e com pena que o rebento permanecia acanhado, e os cravos, tão louços

ainda na tarde anterior, já pareciam prestes a morrer.

O cravo vermelho não amava o companheiro, e as raizes delles fugiam, em vez de se sustentarem mutuamente com a sua seiva.

Em que má condição nasceu o pobre rebento!

Debil, sem calor ainda, proximo a emurchecer, luctou aquelle dia o coitadinho, as suas diminutas raizes alargaram, quanto podiam, para buscar vida e força naquelles que o criavam.

Os paes luctavam por fugir, mas elle conseguiu alcançal-os, e pouco a pouco enlaçou as suas raizes com as delles.

Quem resiste a esses laços?

Ia amanhecer, e a aurora surpreendeu unidos os dois cravos, que juntos pareciam uma gotta de sangue, na aza branca de uma pomba; e, a seus pés, um botão assomando a sua cabecinha rasa e branca, que se assemelhava á pureza ruborisada pelos amores.

Dulce tinha ido, pouco a pouco, enquanto a Padre lia, unindo com seus bracinhos as cabeças de João e Theresa. Soou um beijo. A creança sorria.

O parochio largou o livro e cahiu de joelhos, murmurando uma oração...

AOS PÉS DA VIRGEM

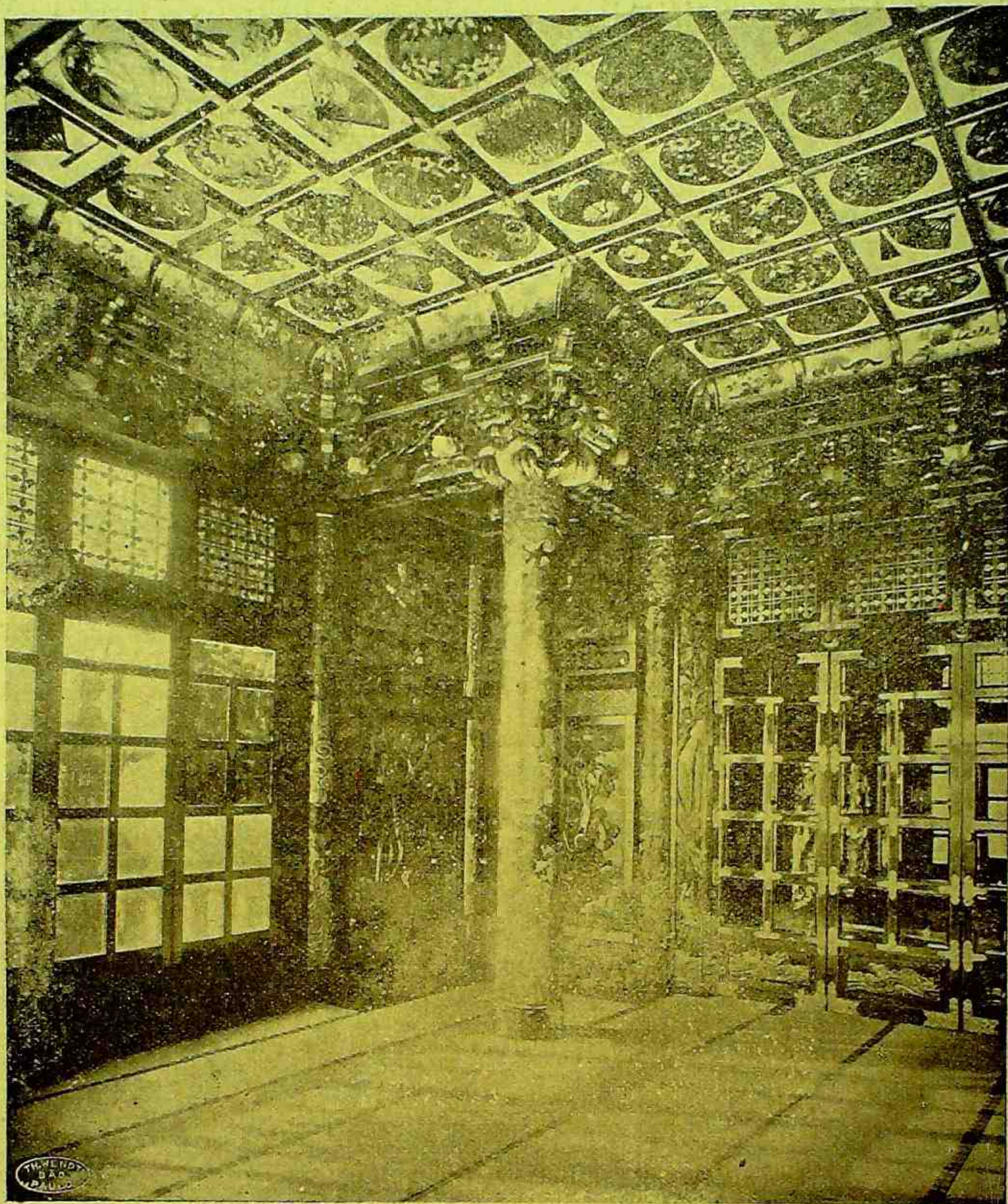
O jornal «Augsbürger Postzeitung» de 29 de junho traz o seguinte facto edificante:

«Escrevem-nos de Einsiedeln: (Celebre Santuario de Nossa Senhora das Ermidas, na Suissa.)

Um hospede real, na pessoa do rei de Saxa, demorou-se nestes dias em Einsiedeln.

Quarta-feira pelas 5 horas da tarde veio o rei, incognito, acompanhado do joven principe herdeiro e de mais 5 pessoas de seu sequito. Quando lhe offereceram na estação um carro, recusou-o com as palavras:

«Vou á Sma. Virgem e para lá vou a pé». E assim atravessou, como um romeiro humilde, as ruas da aldeia, tendo á sua direita seu filho, o principe herdeiro, e á esquerda seu ajudante de ordens. A todos causou optima impressão. Apenas chegaram os romeiros reaes ao morro do Santuario, dirigiram-se logo para a capella de Nossa Senhora no magnifico templo, e como simples romeiros ajoelharam-se sobre os ladrilhos de pedra e saudaram com suas orações a Mãe de Deus. De-



■ Uma das luxuosas salas da Torre Japoneza.— Era a sala onde costumava receber visitas o fallecido Imperador.

pois disto foram á capella dos confessionarios, para receber o sacramento da penitencia.

O rei recusou nisto todas as demonstrações de honra, que os bons religiosos queriam prestar-lhe e assim tambem no confessorario quiz ser tratado como umromeiro do povo.

Ajoelhou-se no primeiro confessorario que encontrou e confessou-se; o mesmo fez o principe herdeiro, sem procurar muito por um confessor especial. Tudo isto fez, sobre os numerosos ro-

meiros e o povo, profundissima impressão.

No dia seguinte, quinta-feira, já antes das 7 horas o soberano e seu filho se acharam na capella do Santuario. Ali assistiram a duas missas, recebendo ambos a S. Communhão.

Sincera e verdadeira piedade manifestava-se em todo o porte e no rosto dos principes. Deram com esta breve visita ao Santuario um bello exemplo, que não será esquecido jamais pelos habitantes do povoado e dos religiosos do Mosteiro».

NOS MONTES ROCHOSOS

AVENTURAS

POR HUGO MIONI

Apenas Ursonegro acabou de fallar, o *reporter* virou-se para mim, e com voz suplicante disse: «Braço forte, dissei ao chefe que me ponha em liberdade. Sou um *Englishman*, um fiel subdito da *gacious Queen*; julgo que como tal, ninguém tem direito de remeter-me como prisioneiro. Protesto contra este acto e saberei mais tarde vingar-me, expondo á plena luz no *Times*, os barbaros costumes dos indianos que habitam nos Montes Rochosos».

«Conheceis este homem?» perguntou-me Ursonegro.

«Sim».

«E' verdade tudo o que elle diz?»

«Sim».

«Uff! uff! Jamais pensára que tanta coisa fosse possível. Os brancos devem ser muito curiosos, pois pagam homens para virem estudar o nosso paiz, fallarem connosco, para depois referirem os nossos pensamentos».

«Realmente assim é. Uma cousa te recomendo e é que sejas muito attencioso para com aquelle branco».

«Para que elle depois narre ao mundo inteiro tudo o que ouviu de mim?» perguntou avidamente Ursonegro.

«Pensa e pensa bem, porque este homem tem, como em geral todos os *reporters*, duas qualidades louvaveis; a primeira é de narrar tudo *tim-tim* por *tim-tim* na mesma ordem em que se lhe diz e a segunda de dizer a pura verdade. Tu certamente desejarás que cheguem aos ouvidos do grande pae dos homens (1) e da grande Mãe das ilhas (2) as queixas, aliás mui justas, que tens a fazer contra as autoridades que governam estas regiões, e que talvez te querem mal, para que elles saibam que ainda não renunciaste aos teus direitos, e ser-te á grato que estes teus direitos sejam conhecidos por muitos. Pois bem, dize essas cousas todas ao *reporter*, permite-lhe ficar algum tempo entre os teus para que elle possa observar tudo que se passa, e alcançará o que desejas. Elle formará uma boa opinião a teu respeito e louvar-te-á como bem mereces».

A tua fama crescerá dia a dia e os bons começarão a estimar-te; elle dará publicidade ás tuas queixas e então todos verão claramente, qual a parte a que se deve fazer justiça; não receies, porque só assim é que po-

derás ganhar a estima dos brancos. *Hovg.* Tenho dito!»

Ursonegro permaneceu por instantes silencioso e depois perguntou-me: «O meu irmão branco tem uma lingua só?»

«Uma só e essa diz sempre a verdade. Quem tem duas linguas, não é homem nem guerreiro».

«Pois bem; o meu irmão branco vae dizer si o que agora faço, é bem feito».

Dizendo isto o chefe levantou-se, levou a mão á cintura, tirou o punhal e cortou as correias que atavam as mãos do *reporter*.

«Estás em liberdade» disse-lhe «podes ficar connosco quanto tempo quizeres».

O dr. inclinou-se profundamente.

«Obrigado, obrigado, obrigadissimo».

Agora espero que Vossa Alteza ha de dignar-se responder ás perguntas que lhe irei fazendo».

«Agora não tenho tempo para isso. Podes observar bem as cousas e a seu tempo responder-te-ei».

«Quanto sois bom, quanto sois bom», e enquanto isto dizia, curvava-se e recurvava-se, desfazendo-se em reverencias. «Quizera porém», proseguio o mesmo, «que Vossa Alteza me restituísse tudo o que me tirou; preciso muito do lapis e do canhenho para tomar os meus apontamentos».

«Tudo aqui me pertence», replicou Ursonegro; fiz-lhe porém, observar que restituísse tudo, si não quizesse que o *reporter* o descrevesse, não como um valoroso guerreiro, mas sim como um ladrão vulgar. Esta observação era na verdade muito arriscada: a minha franqueza poderia quiçá offender o o chefe, mas preferi a franqueza á gentileza e não me arrependi.

«Tens medo de um homem destes?» replicou Ursonegro preocupado.

Pode ser-te de grande utilidade e ao mesmo tempo de grande prejuizo. Trata-o sempre com bons modos, afim de que elle fique satisfeito, contigo e podes ficar certo de que ganharás cem vezes mais do que perdes, restituindo-lhe o que lhe tiraste».

«Si é assim, restituir-lhe-ei tudo» disse Ursonegro. «O meu irmão branco não poderá mais dizer que eu não attendo aos seus pedidos».

«Fallarei sempre bem de ti, e a tua amavel pessoa jamais se apagará de minha memoria, respondi promptamente».

Dirigi-me depois ao *reporter* e disse:

«Entendeu? O chefe disse que restituir-lhe-á tudo».

«Bem o comprehendí. A vós Mr. Braço forte, devo muito. Permitti-me, porém, que

vos «interviste», afim de saber como é que...

«Quando fôr tempo, estarei ás suas ordens, *sir*,» interrompi-o.

«Mas desejava saber...»

«Sente-se e espere um pouco. Tenho varios negocios importantes a tratar com o chefe».

«A cousa mais importante do mundo é a imprensa. E' chamada a quarta potencia; mas, não concordo com isto; nego-lhe o quarto lugar para collocal-a no primeiro; garante com todas véras do meu coração que ella é a primeira das primeiras, e nenhuma outra cousa lhe é superior».

«Pois bem, seja como diz. Boa noite, *sir*».

O *reporter* afastou-se resmungando e sentou-se ao redor da fogueira, começando poucos instantes depois a interessar-se com os indianos e com o que elles faziam. Recebeu tudo quanto lhe havia sido tirado; sem reparar nos demais objectos, pegou no canhenho e no lapis e começou a escrever interminaveis periodos.

Dirigi-me então a Ursonegro e disse-lhe.

«Permittes que eu vá chamar o meu companheiro?»

«Braçoforte é um celebre guerreiro; é melhor que elle fique ao redor do fogo, que eu mandarei um dos meus homens buscar o seu valoroso amigo.»

«E' melhor que eu vá. O meu irmão branco é valente e suspeito; si elle vir que uma *pelle vermelha* vae ao seu encontro, é capaz de julgal-a inimigo, e para defender-se, mata-a.»

«Braçoforte, és um guerreiro astuto. E's meu hospede e por isso podes fazer o que muito bem te aprouvér. Vae portanto buscar o teu companheiro e volta logo para tomares parte na ceia que prepararemos em tua honra.»

Despedi-me do chefe e embrenhei-me na floresta. Desci a collina, percorrendo o caminho a largos passos, para quanto antes encontrar-me com Bill.

Nada mais tendo a receiar, puz-me a correr e assim ao cabo de poucos minutos terminei o caminho que gastára uma hora para percorrel-o na primeira vez. Achava-me perto do lugar em que deixára Bill. O rumor dos meus passos devia com certeza chamar a attenção do meu companheiro. Eu esperava a cada instante vel-o sahir ao meu encontro, mas assim não aconteceu.

Parei e puz-me a escutar attentamente, porém nada. Nenhuma voz, nenhum rumor a não ser o que era produzido pelas espumosas aguas da impetuosa corrente.

Que queria dizer isto? O meu compa-

nheiro não estaria mais alli ou então receiando talvez que fosse algum inimigo, não ousava apparecer? Destas duas cousas a primeira não me parecia possível, a segunda, porém, era provavel que fosse.

Estava já para gritar, e chamal-o em altas vozes afim de tirar-lhe o receio, quando sinistro pensamento se apoderou de minha mente.

O paiz em que nos achavamos, era em quasi toda a sua extensão infestado pelos sequezes de Ralf.

Teria Bill caído em suas mãos?

Não me parecia provavel, mas tambem não podia dizer que fosse impossivel, e um caçador do *Far West* deve ter em conta tudo que apresenta uma probabilidade, embora insignificante. Dovia, portanto, estar bem acautelado contra tão traiçoeiro inimigo.

A noite era escura, a lua não brilhava no firmamento e o pallido clarão das estrelas não penetrava através daquellas frondosas copas que por cima de mim se estendiam.

Nada podia distinguir embora a dois passos de distancia; semelhante escuridão não me favorecia, porque desta maneira não poderia observar si algum inimigo me espreitava; no entanto, não deixava de ser uma segurauça relativa contra elles. Já que não podia vel-os, claro está que não podia por elles ser visto e si eu evitasse todo e qualquer rumor, ninguem me perceberia.

Abaixei-me e fui-me arrastando até o lugar onde deixára o meu cavallo. Semelhante modo de andar tornára-se-me muito penoso; enterrava as mãos naquelle lodo e os meus vestidos, sujavam-se, que era um gosto. O rio estava perto e alli poderia lavar os meus andrajos e mesmo que ficasse enlameado, quem repararia nisto nos montes Rochosos?

Com vagar, cuidado e attenção approximei-me do lugar onde amarrára o meu cavallo. O terreno estava todo pisado e as patas dos animaes haviam deixado profundos sulcos naquelle terreno fôfo. As folhas dos galhos mais baixos do arbusto a que os amarrára estavam meio comidas, os cavallos, porém, não mais alli estavam. Para onde teriam ido? Aquella falta perturbou-me bastante. O meu *Vento* teria sido roubado? Deixei o lugar em que haviam ficado os animaes e dirigi-me

(1) Estados Unidos.

(2) Inglaterra.

